

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

JÉSSICA MILLENA LEITE ARAÚJO

PANDEMIA DO COVID-19 E A IMPORTÂNCIA DE REPENSARMOS
NOSSOS ESPAÇOS.

Recife

2022

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Jéssica Millena Leite Araújo

**PANDEMIA DO COVID-19 E A IMPORTÂNCIA DE REPENSARMOS
NOSSOS ESPAÇOS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para a Graduação no Curso
de Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da
Profa. Dra. Ana Maria Filgueira Ramalho.

Recife
2022

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

A524a Araújo, Jéssica Millena Leite.
Pandemia do Covid-19 e a importância de repensarmos nossos
espaços / Jéssica Millena Leite Araújo. - Recife, 2022.
64 f. : il. color.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Filgueira Ramalho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Arquitetura e
Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Espaço. 2. Pandemia. 3. Covid-10. 4. Recife. I. Ramalho, Ana
Maria Filgueira. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

72 CDU (22. ed.)

FADIC (2022.1-017)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

JÉSSICA MILLENA LEITE ARAÚJO

**PANDEMIA DO COVID-19 E A IMPORTÂNCIA DE REPENSARMOS
NOSSOS ESPAÇOS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para a Graduação no Curso
de Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da
Profa. Dra. Ana Maria Filgueira Ramalho.

Aprovado em 30 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Maria Filgueira Ramalho
Orientadora

Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares
1º examinador

Profa. Dra. Maria Luiza de Lavor
2º examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar sempre comigo, por ter me ajudado em mais uma etapa da minha vida e por ter permitido a concretização desse meu objetivo.

Agradeço enormemente a minha mãe, por ficar do meu lado nos bons e maus momentos, por nunca ter largado a minha mão, por se dispor a realizar meus sonhos as vezes até antes dos dela, não existem palavras que expressem minha gratidão.

Agradeço também a todos os meus amigos que fizeram parte dessa jornada e dividiram comigo não só a sala de aula, mas a vida, principalmente Amanda, Carol, Bárbara, Gizela, Diego, Alisson e Ricardo, vocês estarão sempre no meu coração. Agradeço também aos amigos e familiares que sempre estiveram presentes e dispostos a me ajudar e a me escutar, contribuindo de forma direta como Renata e Lucas (sem você eu não seria nada nesse TCC) ou indireta, me incentivando e se fazendo presente nos momentos que preciso.

Agradeço a todos os profissionais da Faculdade Damas que de alguma forma contribuíram, cativaram e inspiraram minha formação como pessoa e profissional; A Profa. Dra. Winnie Fellows por toda paciência, suporte e atenção disponibilizados para esse trabalho e assim como a minha orientadora Profa. Dra. Ana Ramalho. Por fim, sou grata a tudo que construí nesse tempo de faculdade e sobretudo sou grata pelo fim de um ciclo que traz consigo diversas novas oportunidades!

“Acredito que as coisas podem ser feitas de outra maneira e que vale a pena tentar.”

- Zaha Hadid.

RESUMO

Pandemias passadas interferiram diretamente no espaço urbano das cidades, ressaltando problemas urbanos e mostrando que a cidade necessitava passar por modificações para proporcionar uma melhor qualidade de vida aos seus moradores, melhorando questões de salubridade, mobilidade, qualidade do espaço urbano, entre outros. A pandemia do Covid-19 trouxe a luz uma questão sobre quais modificações ela poderia trazer para o espaço urbano nos dias atuais, pois a pandemia impõe uma mudança no comportamento social, que reflete no espaço urbano. Dessa forma, foi analisado como se deu essa mudança de comportamento em cidades brasileiras e que medidas foram tomadas e depois como tal mudança aconteceu na cidade do Recife e como se refletiu no espaço urbano da mesma.

Palavras-chave: Espaço. Pandemia. Covid-19. Recife.

ABSTRACT

Past pandemics directly interfered in the urban space of cities, highlighting urban problems and showing that the city needed to undergo changes to provide a better quality of life for its residents, improving health issues, mobility, quality of urban space, among others. The Covid-19 pandemic brought to light a question about what changes it could bring to urban space today, as the pandemic imposes a change in social behavior, which reflects on urban space. In this way, it was analyzed how this change in behavior took place in Brazilian cities and what measures were taken and then how this change happened in the city of Recife and how it was reflected in its urban space.

Keywords: Space. Pandemic. Covid-19. Recife.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. HISTÓRIA DAS PRINCIPAIS PANDEMIAS DO MUNDO	11
2.1 Como as cidades foram afetadas	15
3. A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO SOCIAL E O ESPAÇO URBANO	25
3.1 Espaço social e espaço físico	25
3.2 Espaço urbano	26
3.3 Como o espaço urbano afeta o comportamento humano	27
3.3.1 Psicologia ambiental	28
3.4 A influência do desenho da cidade	29
4. A PANDEMIA E A MUDANÇA DO COMPORTAMENTO SOCIAL	32
4.1 Mudanças de hábitos sociais causados pela quarentena	33
4.2 Como a cidade se adaptou de forma provisória ou definitiva	39
5. MODIFICAÇÕES DO COMPORTAMENTO SOCIAL NA CIDADE DO RECIFE E COMO ISSO REFLETIU NO ESPAÇO URBANO	44
5.1 Análise de questionário	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A	62

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal foco entender os impactos da pandemia do COVID-19 no meio urbano, que tem afetado ao longo dos últimos anos a organização e a estruturação urbanística em todas as esferas. Nessa perspectiva, as pandemias trazem transformações no comportamento das pessoas, e pode vir a ocasionar alterações, adaptações e tendências, que surgem no período pandêmico e pós pandêmico. Dessa forma, a fim de entender os principais efeitos da atual pandemia do COVID-19 nas cidades, esse trabalho usa referências locais para embasar tal objetivo de estudo.

Diante disso o estudo da Pandemia do covid-19 e seus impactos no meio social e urbano tem uma grande relevância, principalmente, na cidade do Recife, por ser um município com uma grande presença de problemas sociais e ao mesmo tempo com muitas oportunidades de melhorias das condições dos espaços urbanísticos.

A questão norteadora desta pesquisa é: em que medida a pandemia da Covid-19 afetou o espaço urbano da cidade do Recife? Trabalhou-se com a hipótese que a pandemia afetou o espaço urbano da cidade do Recife, na medida em que modificou o comportamento social dos moradores da cidade e em consequência modificou o uso do espaço urbano, que por sua vez precisou se adaptar a um novo uso.

Assim, objetiva-se demonstrar a funcionalidade e as particularidades da vida urbana, desde residências, lugares públicos, vias de tráfego até a mobilidade social. Com esse estudo, espera-se que se faça necessário preparar a cidade para lidar com realidades pandêmicas, bem como com o bem-estar social, e busque desenvolver um lugar adequado a amplas realidades, sem esperar que haja uma pandemia global para adaptar-se.

O objetivo geral do trabalho é analisar e entender como a pandemia do COVID-19 interfere diretamente no espaço urbano. E seus objetivos específicos são: analisar como o espaço urbano foi modificado por pandemias ao longo do tempo; pesquisar as mudanças de uso da cidade e as adaptações feitas no espaço urbano em função da pandemia da Covid-19; verificar as modificações atuais e quais podem permanecer mesmo após a pandemia.

O método de abordagem a ser utilizado nessa pesquisa é o hipotético-dedutivo, porque o ponto de partida é uma hipótese que vai ser ou não confirmada ao longo da pesquisa. Os métodos de procedimento adotados foram o método histórico e o comparativo.

As técnicas de pesquisa adotadas foram a pesquisa bibliográfica através de sites e livros, como a SANAR (2021), REZENDE (2009), em seu livro *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*, MOSER (1998) falando sobre psicologia ambiental, BOURDIEU (2013), entre outros. Além de uma pesquisa documental através de análise de dados e aplicação de questionários com pessoas da cidade do Recife buscando identificar possíveis mudanças de usos do espaço urbano.

Este trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução, o segundo a história das principais pandemias no mundo e seus impactos. O terceiro é a fundamentação teórica, na qual são discutidos os conceitos utilizados e as suas relações. O quarto capítulo trata dos efeitos da pandemia no comportamento humano e no âmbito urbanístico. No quinto capítulo faz-se a análise dos questionários para apresentar e entender as tendências advindas das consequências da pandemia aplicados a cidade do Recife, seguido da conclusão e dos apêndices.

2 HISTÓRIA DAS PRINCIPAIS PANDEMIAS DO MUNDO

A Pandemia é caracterizada por uma doença que em fase de epidemia (quando a doença contamina uma grande quantidade de pessoas, mas em uma determinada localidade), se generaliza e afeta diversas regiões geográficas, como um continente ou mesmo todo o planeta. Sendo assim, passa a existir um contágio epidêmico intercontinental, de grandes proporções, sendo capaz de gerar alterações demográficas, políticas, econômicas e sociais.

Em 2019 o mundo se deparou com a pandemia do Covid-19 que impôs uma nova realidade a milhares de pessoas, que se assustaram com a rapidez de contaminação, com os altos índices de mortalidade e com o número de pessoas infectadas pelos vírus em quase todos os países do mundo. A pandemia de COVID-19 afetou 210 países e territórios no mundo, de acordo com dados da OMS (Organização Mundial da Saúde) até junho de 2022, com um total de 535 milhões de casos confirmados e mais de 6 milhões de mortes.

De acordo com Barata (2020), é importante ressaltar que várias doenças causadas por vírus e bactérias, já abalaram todos os continentes e mudaram as formas de convivência em sociedade, desde os tempos mais antigos têm existido episódios de epidemias e pandemias por todo o planeta.

Ainda de acordo com Barata (2020), entre 430 a 427 antes de cristo, ocorreu a maior pandemia que se tem conhecimento, no período da Guerra do Peloponeso, conhecida como a “Peste de Atenas”, “Praga de Atenas” ou “Peste do Egito”, esta pandemia vitimou naquele momento dois terços da população da cidade grega. Em 165 antes de Cristo, surgiu a Peste Antonina, também conhecida como “Peste de Galeno”, imagina-se que foi decorrente de um surto de sarampo ou varíola que afetou os Hunos e se alastrou por todo o Império Romano.

Com início no Egito, seguindo a linha de pensamento de Barata (2020), durante o ano 541 depois de cristo, ocorreu o surgimento da Peste Justiniano, que foi considerada a primeira pandemia historicamente documentada, que foi provocada pela peste bubônica, transmitida através de pulgas e ratos contaminados por uma bactéria. O primeiro caso de peste bubônica vitimou aproximadamente 24 milhões de pessoas.

Já durante o século XI, tivemos a Europa assolada pela Lepra, também conhecida como a Doença de Hansen, que era considerada como um castigo de Deus, e seus sintomas, inclusive associados a trechos bíblicos fazia com que se acreditasse que a lepra era o próprio pecado e que os doentes acometidos pela doença eram pessoas amaldiçoadas.

No início do século XIII surgiu a Peste Negra na Ásia central, considerada a maior pandemia da história da civilização, que devastou a Europa, como consequência da falta de saneamento existente e foi responsável por dizimar cerca de um terço da população, por volta de 50 milhões de pessoas. Le Goff (2011) sugere que a quantidade pode ter sido ainda maior, pois nenhuma região europeia teve mortalidade inferior a dois terços da população, destacando que na Inglaterra a redução demográfica chegou à casa dos 70%.

Não possuímos documentos que permitam avaliar de maneira bastante precisa a mortalidade da epidemia. A mortalidade varia segundo as regiões. É provável que em nenhuma região tenha sido inferior a um terço da população, e a avaliação mais verossímil vai da metade a dois terços da população da cristandade. A queda demográfica foi de 70% para a Inglaterra, que passou de cerca de 7 milhões para 2 milhões de habitantes em 1400. Os efeitos catastróficos da peste foram aumentando pelo retorno mais ou menos regular e mais ou menos severo das epidemias. (LE GOFF, 2011, p. 228)

A Peste Negra com seu alto índice de mortalidade trouxe mudanças significativas para a história do mundo. Modificações na infraestrutura das cidades que perduram até hoje e foram retratadas por artistas, que destacavam a sensação de medo e as mudanças nas cidades, principalmente em sua infraestrutura de saneamento.

É válido entender também que certas doenças, que eram inexistentes em alguns continentes, evoluíram para grandes pandemias. Temos como exemplo a varíola e o sarampo, que ocorreram no processo de colonização da América. Como sugerem as Figuras 1 e 2, obras de Michel Serre e Pieter Bruegel respectivamente. O “Retrato da Peste” de 1720 e o “Triunfo da Morte” de 1572 retratam cidades convivendo com corpos e trazem o sentimento de devastação.



Figura 1: Pintura de Marselha durante a Grande Praga em 1720, por Michel Serre.
 Figura 2: Pintura o Triunfo da Morte de Pieter Bruegel. Fonte 1 e 2: Wikipedia, 2021.

Ainda de acordo com Barata (2020), durante o século XVIII, na Rússia, a gripe aparece tornando-se uma pandemia, a qual no ano de 1732 alastrou-se pelo mundo inteiro matando cerca de 500 mil pessoas em 36 meses. No ano de 1830, uma nova pandemia de Gripe, com início também na China, passou pela Ásia, Europa e Américas infectando cerca de 25% da população. Em 1855, iniciou-se a terceira Pandemia de Peste Bubônica, a qual teve início na China e espalhou-se rapidamente pela Índia, atingindo em seguida Hong Kong, estima-se que tenha provocado 15 milhões de vítimas.

No início do século XIX, surgiu a Gripe Espanhola, considerada como uma das maiores pandemias conhecidas até hoje, tendo causado mais mortes que a Peste Negra, ao longo de vários séculos e quase três vezes mais que o número de mortos derrubados na Primeira Guerra Mundial. “O combate à doença, passou pelo encerramento das escolas, a proibição de feiras e romarias. Dezenas de espaços públicos funcionaram como enfermarias para assistência aos doentes” (BARATA, 2020).

Com efeito, as cidades reuniam condições propícias à deflagração frequente de crises diversas. Um habitat concentrado, submetido a precárias condições de higiene, dependente do abastecimento externo, próximo e/ou longínquo, de alimentos básicos (fatores de uma mortalidade já destacadamente elevada em condições normais), fazia da população urbana alvo predileto dos repetidos contágios vários. (BASTOS, 2009, p.40)

Em meados do século XIX, ocorreu um surto de tuberculose que durou cerca de 100 anos, e que teve a importância epidemiológica alcançada apenas no final do século XIX e início do século XX, suas causas também sofreram diferentes interpretações ao longo dos séculos, como por exemplo, que a doença era passada de pai para filho,

hereditariamente, ideia que foi sendo negada com o passar dos anos. Acredita-se que mais de 1 bilhão de pessoas tenham morrido da doença e, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), é uma das doenças infecciosas que mais mata no mundo. O Centro de Vigilância Epidemiológica "Prof. Alexandre Vranjac", fala sobre a tuberculose:

A tuberculose era considerada uma "doença romântica", idealizada nas obras literárias e artísticas e identificada como uma doença de poetas e intelectuais. Nesta mesma época, no ano de 1882, Robert Koch anuncia a descoberta do agente causador da tuberculose, o bacilo de Koch, cientificamente denominado *Mycobacterium tuberculosis*. Esta descoberta foi um marco fundamental para o conhecimento da doença e impulsionou várias tentativas de controle e tratamento da enfermidade. Em fins do século XIX, a doença passou a ser qualificada como um "mal social" e passou a ser relacionada às condições precárias de vida, em que estão presentes inúmeros fatores, entre eles as moradias pouco ventiladas e pequenas para o número de moradores, a má qualidade de alimentação e a falta de higiene (CVE., 2020, n.p.).

Após várias descobertas relacionadas ao controle e tratamentos dessas doenças infecciosas, juntamente com modificações que promovam o acesso a higiene e saneamento básico, houve um hiato pandêmico, o qual perdurou até o início do século XXI. No ano de 2009 surgiu a Pandemia de Gripe que foi rotulada de Gripe A, causada pelo vírus H1N1. "Estudos efetuados indicaram que o número de mortes foi quase 20 vezes maior em países subdesenvolvidos, como a Argentina, o Brasil e o México, enquanto que os países desenvolvidos foram menos atingidos, como por exemplo, a Nova Zelândia, a Austrália e grande parte da Europa." (OMS, 2009), vez que o desenvolvimento da tecnologia resulta em uma reação mais rápida à ameaça de uma pandemia.

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu um comunicado sobre uma série de casos de pneumonia de origem desconhecida em Wuhan, na China, as quais posteriormente deram origem ao Covid-19. Esse vírus com crescente proliferação que, desde então, matou milhares de pessoas na China e se espalhou por cinco continentes, transformou-se em um dos maiores desafios da humanidade, não só pela doença em si, mas por questões vividas atualmente como a crise sanitária, a crise economia em alguns países e também pelo fato da população ser predominantemente urbana, que tem influência direta com o aumento da propagação de doenças.

Hoje, após vários desenvolvimentos técnicos-científicos, estamos muito mais preparados para enfrentar uma nova pandemia, através da realização de programas e campanhas de vacinação, e devido aos progressos desenvolvidos no último século nas tecnologias da comunicação, que permitem que o mundo reaja muito mais rápido à ameaça de uma pandemia planetária. Entretanto, no mundo interligado em que vivemos, um vírus pode generalizar-se com mais facilidade.

2.1 Como as cidades foram afetadas pelas pandemias.

De acordo com Côrrea *et al.* (2020), após as inovações renascentistas, a transição de pessoas entre as cidades direcionou a atenção da sociedade para a valorização das condições de saneamento, pavimentação e iluminação das cidades. Como consequência disso, a população pedia por tais avanços, em busca de uma cidade mais “agradável e magnífica”, que priorizasse questões da vida cotidiana de seus habitantes. Exemplo disso é a cidade de Nova York, a qual foi pioneira ao iniciar, na década de 1730, transformações urbanas, a fim de promover a saúde dos cidadãos.

O homem, possuindo uma série de conhecimentos e habilidades que o diferenciam dos animais inferiores, construiu cidades, vilas e casas para proteger a partir dos elementos externos e, com isso, produziu uma série de doenças fatais que estão intimamente associadas, em causa e efeito, à produção de conhecimento e à sua capacidade de construir. Ao criar proteção contra a exposição externa, o homem também construiu as condições da doença (COLAMINA, 2021, n. p. tradução nossa).

O surto dessas doenças vem se repetindo ao longo do tempo com algumas semelhanças, tanto na forma de propagação de vírus e bactérias quanto na forma que as pessoas tendem a buscar a contenção das mesmas, como exemplo o isolamento social. Sendo assim, se torna válido mencionar aquelas que vieram trazendo mudanças no agir e no pensar para nós como sociedade e como as cidades se adaptou e modificou diante da chegada dessas doenças.

Foram desenvolvidas as primeiras teorias pré-científicas sobre a causa das doenças, sobretudo nos séculos V e IV a.C. com Hipócrates, que concentrou seus estudos mais nas doenças endêmicas, pesquisando a natureza dos males como resfriados, pneumonias, malária e inflamação nos olhos. De maneira geral, os médicos desta época apontavam, como causa maior das doenças, a desarmonia entre o homem e o ambiente, a natureza que o

cercava. Ares, Águas, Nutrição e Higiene eram medidas sanitárias fundamentais para evitar doenças e tratá-las. Neste sentido, a noção de higiene está descrita desde os primeiros tratados médicos da Grécia, na busca racional para entender e, assim, conseguir se proteger das doenças, tanto endêmicas quanto epidêmicas (ALMEIDA; BIZUIT, 2021, n. p.).

No período antes de cristo, os médicos com seus conhecimentos sobre as doenças, incentivaram e ajudaram na construção de estruturas sanitárias para as cidades, que começaram a ter serviços públicos na área da saúde. Foram desenvolvidas, em VI antes de Cristo, construções com sistemas que levavam água para Atenas, usando canos até os banheiros e fontes públicas, para esgotamento sanitário. A pureza e higiene da água passaram a ser consideradas determinantes para a prevenção de doenças, com isso veio também à construção de um aqueduto em Pérgamo.

De maneira análoga, o império romano se baseou nos princípios de saúde pública da Grécia, devido à complexidade crescente da cidade de Roma, criando, assim, um sistema de serviço de saúde composto por esgotamento sanitário, sistemas de banho, limpeza ambiental, e vigilância sanitária na transação dos alimentos. Apesar dos esforços nas construções sanitárias na cidade de Roma, as doenças epidêmicas continuaram surgindo e devastando populações, devido ao acesso limitado na sociedade (CORRÊA *et al.*, 2020).

Seguindo ainda o pensamento de Corrêa *et al.* (2020), em meados dos anos 500, no início do período medieval, várias epidemias surgiram com intensidade variada e localização aleatória, como a lepra e a primeira ocorrência da peste bubônica. A lepra era considerada endêmica desde os séculos V e VI na Europa, mas a partir das ocorrências de novos surtos nos séculos XIII e XIV, com os grandes deslocamentos das populações impulsionados pelas Guerras das Cruzadas, transformou-se em doença epidêmica.

É válido salientar que o modo de controle de enfermidades transmissíveis se deu a partir da lepra. Iniciou-se, por conta desta doença, a implantação de um mecanismo de segregação radical dos doentes, queima de todos os seus pertences, construção de casas de isolamento, expulsão dos estrangeiros e notificação obrigatória dos leprosos. A partir desse contexto, surgiram duas políticas sanitárias: o “isolamento social” e a “notificação compulsória”, sendo ações tomadas como medidas

preventivas, mas apenas na pandemia da Peste Negra do século XIV, que surgiram as “quarentenas”.

A peste negra que se abateu sobre a Europa, vem na sequência da expansão mongol que reanimou as rotas da seda e facilitou o movimento dos agentes patogênicos através do continente asiático. Do mesmo modo, quando os europeus, no fim do século XV, criaram uma unidade de tráficos através do mundo, [levaram as doenças para] a América pré-colombiana e, por sua vez, assassinada por doenças lá desconhecidas, provenientes da Europa. (BRAUDEL, 1995, p. 74).

Como o período desta pandemia foi de aproximadamente quarenta anos, espalhando-se através dos navios mercantes entre as cidades italianas, as quais eram centros financeiros e mercantis. “Os médicos da época não tinham ideia do que causava a doença, mas perceberam que o isolamento era uma forma de evitar que a peste se propague ainda mais. Assim, pessoas começaram a se isolar em suas casas” (SILVA, 2021, n.p.). Relatos da época falam que junto com a doença veio o medo e isso levou boa parte da população a sair das grandes cidades, mudando para o campo, a fim de se proteger.



Figura 3: Uniforme médico durante a peste negra.
Fonte: Faculdade Medicina Lisboa, 2020.

Segundo Bittencourt (2020), a Peste Bubônica atingiu a curva descendente na medida em que a higiene e o saneamento das cidades melhoraram, mesmo que timidamente, impactando na diminuição populacional de ratos urbanos, mas sem dúvida, o isolamento social atuou fortemente na contenção da epidemia. Estima-se que o epicentro europeu da Peste Bubônica foi a cidade comercialmente próspera de

Veneza. É lá que teria sido originado o termo “quarentena”, de inspiração bíblica, que definia a prática de restringir a circulação livre de pessoas, principalmente daquelas que chegavam à cidade em barcos e navios, sendo essa uma das únicas medidas conhecidas como eficiente no controle de infecções.

Somente no final da Idade Média, foram sendo criados códigos sanitários visando normatizar a localização de chiqueiros, matadouros, o despejo de restos, o recolhimento do lixo, a pavimentação das ruas e a canalização de dejetos para poços cobertos. Ainda assim, é preciso lembrar que os hábitos culturais dos habitantes tornavam boa parte destas medidas sanitárias ineficazes. Também, na Idade Média, é que surgem os primeiros hospitais. (BLOG MAQ, 2020, p. 2)

Destaca-se que neste período, o modo de produção dominante era o feudal, um sistema temporário de práticas econômicas que possibilitou o acúmulo de metais preciosos por parte da Inglaterra, acontecimento que gerou a Revolução Industrial neste mesmo país, disseminando-se a outras nações europeias.

No século XV, durante o Renascimento, a Europa ainda sofria com surtos recorrentes de peste bubônica, o que ocasionou uma idealização de cidade utópicas, como o projeto esboçado por Leonardo Da Vinci:

Esboçou o projeto de uma cidade às margens do rio Ticino, pensada para facilitar o transporte de bens e abrigar espaços urbanos limpos. A largura das ruas era compatível com a altura dos prédios, garantindo a insolação tão rara na Milão de ruas estreitas e sujas da época [...] Da Vinci pensou a cidade de modo a conter inundações e garantir irrigação e navegação e garantir que pedestres não disputassem espaço com outras formas de tráfego. Projetada em três camadas, a cidade tinha o nível da rua reservado para cavalos e charretes, como uma "zona comercial". O nível superior era exclusivo para pedestres, e o subterrâneo era perpassado por uma rede de canais conectando os porões das edificações. (CORRÊA *et al.*, 2020, n.p.)

De acordo com Côrrea *et al.* (2020), após as inovações renascentistas, a transição de pessoas entre as cidades direcionou a atenção da sociedade para a valorização das condições de saneamento, pavimentação e iluminação das cidades. Como consequência disso, a população pedia por tais avanços, em busca de uma cidade mais “agradável e magnífica”, que priorizasse questões da vida cotidiana de seus habitantes. Exemplo disso é a cidade de Nova York, a qual foi pioneira ao iniciar, na década de 1730, transformações urbanas, a fim de promover a saúde dos cidadãos.

Ainda de acordo com Côrrea *et al.* (2020), as novas medidas deslocaram matadouros e curtumes para fora dos limites da cidade tendo como objetivo combater os miasmas, os negócios acabaram se estabelecendo nas proximidades do Lago Coletor, fonte da água que abastecia a cidade, o qual anos mais tarde foi drenado e aterrado. A água ficou contaminada em todas as partes o que contribuiu para a epidemia de cólera que irrompeu em Nova York em 1833.

Anos mais tarde, em meio a novos surtos da doença, a prefeitura passou a determinar a instalação de toaletes conectados à rede de esgoto e os centros urbanos foram aprendendo que eram responsáveis por prevenir e controlar “epidemias resultantes da urbanização”. No século 19, foram conduzidas reformas em Paris, a pedido de Napoleão III e sob o pretexto sanitizante, “abriram as avenidas que cortam as quadras intrincadas da antiga cidade, as intervenções foram definitivas para a Paris que o mundo conhece, com suas rótulas, monumentos e parques” (CÔRREA *et al.*, 2020). Essas reformas qualificaram infraestruturas de transporte, saneamento e lazer, mas por outro lado acarretou em diversas desapropriações forçadas.



Figura 4: Mudança na cidade, reforma de Paris.
Fonte: Blog dicas de francês, 2014.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Côrrea *et al.* (2020), nos anos 1860, as notícias de reformas urbanas na Europa chegaram ao Brasil, no Rio de Janeiro criou-se um depósito de lixo longe do aglomerado urbano, redes de esgoto e linhas de transporte público para as periferias. As melhorias foram implantadas na cidade de

forma desigual, e jornais do fim do século 19 já registravam a indignação de moradores do subúrbio pela ausência de qualquer infraestrutura sanitária. As medidas mais representativas foram as reformas sanitárias e urbanas conduzidas a partir de 1903 pelo prefeito Pereira Passos e pelo médico higienista Oswaldo Cruz.

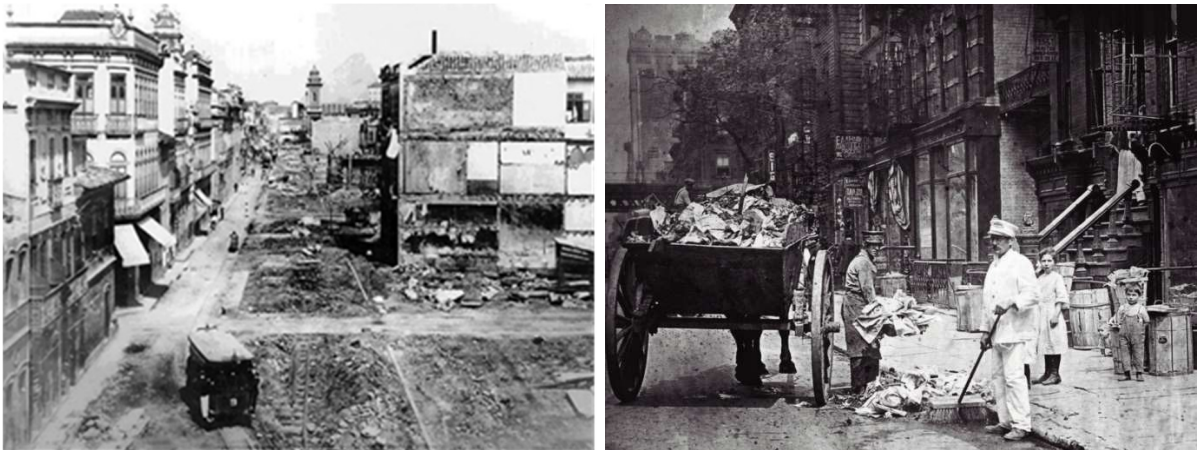


Figura 5 e 6: Reformas urbana e sanitária transformaram a paisagem do Rio de Janeiro no início do século XX. Fonte: WRI BRASIL, 2020. E Casa Abril, 2021.

Conforme a Revista Brasileira de Epidemiologia (2020), vivia-se um momento de modificação do espaço urbano, pautado no higienismo, enxergavam moradias precárias como focos de doenças, a partir disso foram feitos despejos, destruição de moradias e alargamento de ruas, excluindo do centro da cidade os setores sociais precarizados. Com isso houve um aumento na especulação imobiliária e no processo de gentrificação, vez que a população mais pobre passou a ocupar espaços periféricos com ainda menos infraestrutura.

Quarentena era um dos únicos instrumentos eficazes conhecidos para controle de infecções por vírus e bactérias que assolavam a vida urbana – outra era a "higienização", termo que tinha significado ambíguo, ao mesmo tempo sanitário e moralizante. O centro do Rio de Janeiro que conhecemos hoje é, em parte, resultado das intervenções de Pereira Passos, que eliminou os cortiços da região central da cidade (CORRÊA *et al.*, 2020, n.p.).

Retomando a ideia da cidade esboçada por Da Vinci, comentada anteriormente, é importante ressaltar que, na época, não passou de uma idealização, a qual acabou por inspirar intervenções em apenas uma ou outra cidade. “Muitas das ideias do gênio italiano só foram implementadas pelos modernistas – não por acaso, outro movimento surgido na esteira de experiências traumáticas: a Primeira Guerra Mundial e a ainda mais letal pandemia de gripe espanhola.” (CÔRREA *et al.*, 2020).



Figura 6: Hospital improvisado durante a Gripe Espanhola.
Fonte: Faculdade Medicina Lisboa, 2020.

A gripe espanhola por ser uma doença viral, a transmissão se dava facilmente pela via respiratória. Os locais que implantaram medidas de prevenção baseadas no isolamento social conseguiram passar pela epidemia com efeitos reduzidos. No entanto, os que não seguiram as medidas de isolamento acabaram sofrendo duramente com a doença e acumulando mortos todos os dias. Os programas de habitação europeia consolidaram ideias modernistas influenciadas pela gripe e pela falta de recursos, levando à padronização das construções, a perspectiva funcional e a presença de espaços verdes abertos, de acordo com Côrrea *et al.* (2020).

No Brasil, a gripe espanhola chegou em setembro de 1918, por meio dos passageiros de uma embarcação inglesa que atracou em três cidades: Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Grandes cidades, como São Paulo, sofreram bastante com a doença. Acredita-se que ela tenha contaminado, pelo menos, metade da população paulistana. "Assim, como em outras partes do mundo, no Brasil, as medidas de isolamento foram tomadas com o decreto do fechamento de escolas, repartições públicas e alguns tipos de comércio." (SILVA, 2020, n.p.).

As autoridades sanitárias recomendavam observar a higiene pessoal e coletiva, evitar aglomerações e espaços confinados. Sugeriram o uso de desinfetantes para as vias respiratórias superiores e, mesmo sem saber o valor terapêutico para a gripe e seus efeitos adversos, passaram a distribuir

quinino 41, profilático da malária, sem efeito terapêutico para gripe. Conforme o conhecimento da época, o controle de epidemias, especialmente as bacterianas, era feito com quarentenas, isolamento, extermínio de animais portadores ou vetores, restrição à liberdade de movimento; medidas que se mostraram incapazes de conter a pandemia de gripe. (COSTA; HAMANN, 2016, n.p.)

Ainda no século XIX, mais precisamente no final, a tuberculose afetou as construções da Europa, as quais direcionaram os arquitetos a buscarem melhorias na questão da salubridade nas cidades. As casas começaram a ter iluminação indireta, espaços abertos para banhos de sol, foram colocados novos ambientes como varandas, halls de entrada, farta circulação do ar e utilização de materiais diferentes.

Além disso, começaram a subir a casa do chão com o uso de pilotis, o que influenciou diretamente na arquitetura e no desenho das cidades, moldando parte do estilo moderno que conhecemos. De acordo com Lorenzetto (2019), foi a partir desse contexto, nota-se que no final do século XIX e início do XX, permeou na sociedade ocidental uma obsessão pela tuberculose e pelos meios para combatê-la.

A modernização da arquitetura foi, antes de tudo, uma forma de desinfecção, uma purificação dos edifícios, resultando um ambiente saudável, com luz, ar, limpeza e superfícies brancas lisas, sem rachaduras ou fendas onde o contágio pudesse espreitar (COLAMINA, 2020, n.p.).

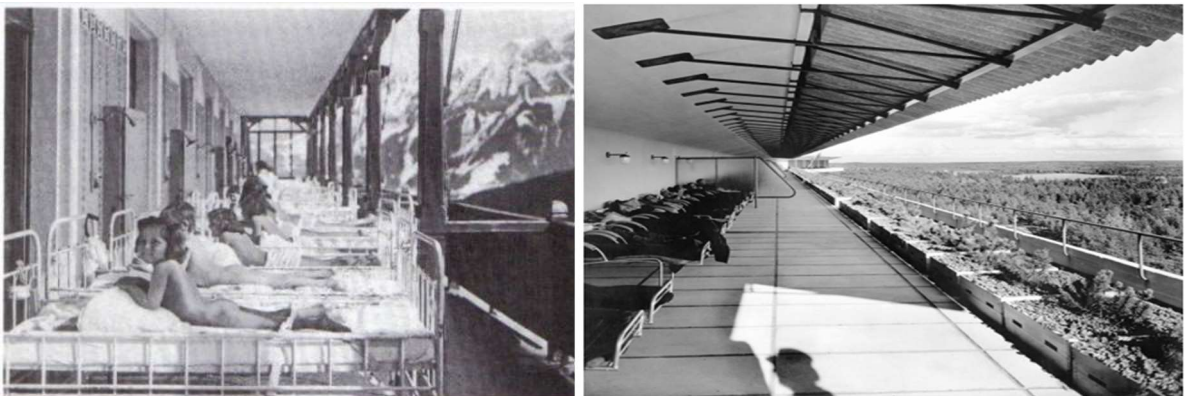


Figura 7: Helioterapia em varanda de cura. Figura 8: Terraço Sanatório Paimio, do Alvar Aalto.
Fonte: Brasileiro, Carolina. Arquitetura antituberculose em Pernambuco, 2012.

Este processo deu origem ao que é conhecido hoje como arquitetura moderna. Um exemplo de projeto na época foi a construção de “escolas antituberculose” ao ar livre em Suresnes, na França, visando evitar a propagação da doença.

Muitas mudanças arquitetônicas ocorreram: higiene extremada, ventilação adequada, aversão ao pó e as paredes tornaram-se brancas. O edifício modelo - totêmico - para essa nova arquitetura influenciada pela tuberculose era o Sanatório para Tuberculosos em Paimio, na Finlândia. Projetado em 1929 com as mudanças, incluía até o arredondamento das uniões entre os muros e os solos para evitar a acumulação de pó, considerado letal para os enfermos. (LORENZETTO, 2020, n.p.)

A experiência obtida com as demais pandemias levou a consolidação dos ideais modernistas influenciados pelo período pós-guerra e pela falta de recursos, levando a certo tipo de padronização nas construções, a perspectiva funcional onde a função prevalecia a forma, a presença de espaços verdes e mais abertos. Em conjunto, o governo passou a participar do desenho da habitação, assumindo mais influência na forma da cidade e no espaço urbano. Com diferentes graus, muitas cidades ocidentais têm a marca do modernismo em seus mapas: largas avenidas que cortam os bairros e conectam as diferentes zonas da cidade – comercial, residencial e industrial, salienta Corrêa *et al.* (2020).

No livro “X-ray architecture”, a espanhola Beatriz Colomina mostra que os modernistas foram influenciados pelos sanatórios que surgiam na Suíça, com suas superfícies brancas e paredes envidraçadas. Acusada de ser estéril, a arquitetura modernista é, na verdade, esterilizada. (CONSTRULIGA, 2020, n.p.)

É importante mencionar ainda que praticamente todos os locais acometidos por doenças infecciosas sofreram transformações, como por exemplo, as cidades de Paris, que devastada pela cólera, surgiu com seus *boulevards*, ruas e avenidas mais largas e abertas, calçadas amplas para a circulação da população; Nova York, com o *Central Park* em busca de uma melhoraria na qualidade do ar; O Rio de Janeiro que passou por reformas sanitárias com a ideia de higienização, colocando lixo longe do aglomerado urbano, implantou linhas de transporte e redes de esgoto, mesmo que distribuídas de forma desigual, informa Corrêa *et al.* (2020).

Em séculos anteriores, a propagação explosiva das doenças ajudou a abalar impérios e alterar modelos econômicos, redesenhou cidades e favoreceu mudanças de comportamento. Desta forma, é notório que as epidemias moldaram cidades, estimulando o crescimento da infraestrutura, mudando o padrão de vida urbano e é isso que vem acontecendo atualmente.

A chegada do Covid-19, na atualidade, nos faz refletir sobre todas as modificações que aconteceram e que estão acontecendo, entendendo que existe um certo tipo de comportamento social imposto por uma pandemia, e esse comportamento pode resultar em uma mudança no uso do espaço urbano. Então, faz-se necessário entender o funcionamento da cidade e das pessoas dentro dela.

3. A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO SOCIAL E O ESPAÇO URBANO.

O espaço pode ser definido de diversas formas, mas falando de modo geral, o espaço corresponde a uma extensão que contém a matéria existente. Segundo Pena (2022), o espaço é “formado por objetos e por ações, ele se insere e se estrutura a partir da lógica de produção, em que objetos naturais propiciam um espaço natural que, por meio das técnicas, transforma-se em objetos tecnológicos que modificam e são modificados pelo meio”.

Nesse sentido, as mudanças vão acontecendo diante das necessidades humanas, ao longo da história, com o intuito de aprimorar o meio ao homem. Dessa forma, faz necessário entender a relação existente entre o espaço físico e o espaço social, René (1910), trouxe à luz a discussão sobre espaço físico e espaço social, definindo o espaço social como uma projeção da sociedade no espaço físico que ela ocupa.

3.1 Espaço social e espaço físico.

Bourdieu (2013), define o espaço social como as interrelações que acontecem entre as pessoas, sendo elas estabelecidas pelo âmbito social, cultural e o lugar, o que se refere a uma estrutura que pode vir a ser modificada pela cultura ou pelo meio. Desse modo, percebe-se que através dessa definição, fica claro que essas relações são variáveis e influenciadas por diversos fatores, tais como a proximidade ou distância entre as pessoas envolvidas.

De acordo com Sena (2020) A ideia de espaço social, pode ser aplicada para entender as relações entre os indivíduos e suas representações por meio do espaço físico. Com isso, igrejas, escolas e locais de trabalho revelam espaços sociais diferentes, através da vivência exercida pelos indivíduos em lugares distintos. Bourdieu (2013) elencou alguns aspectos acerca das características de um espaço social, afirmando que o espaço social se trata de um conceito multidimensional, um conceito relacional, e um conceito dinâmico.

O espaço social não é exatamente o espaço físico, mas se materializa nesse espaço, tal como é habitado, conhecido e construído socialmente. Nessa perspectiva, a idealização ou a objetificação se dá diante da distribuição de diferentes tipos de bens,

grupos, serviços e agentes individuais ou famílias fisicamente localizadas, como residências, que usufruem de tais aspectos. Logo, é essa relação entre bens e indivíduos biológicos (humanos) que define e aprimora as diversas regiões do espaço social.

3.2 Espaço urbano.

Dentro do espaço físico devemos entender propriamente o espaço urbano, uma vez que as correlações discutidas neste trabalho são analisadas a partir deste espaço. O espaço urbano é definido por Pena (2020), como o espaço das cidades, e se dá por meio do conjunto de atividades que acontecem no mesmo local de integração, o qual é composto por residências e edifícios, práticas e atividades sociais, culturais e econômicas.

O geógrafo brasileiro Roberto Lobato Corrêa afirma, em várias de suas obras, que o espaço urbano é fragmentado, articulado; é também o condicionante das ações sociais e o reflexo destas, em uma interação dialética. (PENA, 2022, n.p.)

De acordo com Zevi (1978), o espaço urbano é aquele que vai além do lote privado e pode ser vivido coletivamente ou individualmente, são espaços de trocas e de encontros, como ruas, parques, praças e outras especificidades. Essas particularidades urbanas surgiram a partir das necessidades humanas, com isso os espaços foram se definindo de acordo com os interesses de cada urbe.

De acordo com a análise feita por Costa (2013), é importante observar a estrutura dos espaços e o cotidiano das pessoas. Tal análise utiliza como exemplo Roma, que utilizava os muros e muralhas de proteção, como elementos embelezadores, que também cercavam e davam limite à cidade. As ruas que levavam as fontes públicas e aos monumentos, estavam na parte interna dos muros e eram os caminhos preferidos dos moradores.

Costa (2013) salienta, também, que em Atenas, na Grécia, vivenciava-se a cidade ao ar livre, nas ruas e pátios públicos, resultando em um consumo verdadeiro da cidade, e os ambientes eram definidos e articulados de acordo com as decisões tomadas pela assembleia dos cidadãos.

Ainda de acordo com Costa (2013), o sistema cultural dos indivíduos ajuda a definir a complexidade dos espaços urbanos, o que reproduz a realidade da vida cotidiana. Exemplo disso são as cidades muçulmanas do século VII, que apresentavam uma simplicidade cultural, seguida pelo Alcorão, representando uma redução das relações sociais que foi refletida na estrutura física das cidades.

As cidades árabes, por exemplo, perderam a complexidade das cidades helenísticas e romanas: não tinham foros, basílicas, teatros, anfiteatros, estádios e ginásios. Elas apresentavam, somente, habitações particulares (casas e palácios) e dois tipos de edifícios públicos: os locais para banhos e as mesquitas para os cultos religiosos (BENEVOLO, 2001, p. 225).

Costa (2013), ressalta que o espaço urbano, é um produto das relações humanas individuais e coletivas, onde nesses espaços também se desenvolve uma parcela da vida dos cidadãos. É importante entender também que não só o espaço físico é produto das relações, mas que as relações são influenciadas pelo espaço físico, uma vez que as suas características espaciais interferem diretamente nas relações sociais que são vivenciadas no cotidiano desses lugares.

Entende-se assim, que “é evidente que se deve projetar e implantar espaços concebidos com a participação dos grupos sociais envolvidos com a área, tornando esses espaços objetos do desejo de seus usuários e assim um espaço de ‘consumo verdadeiro’, como faziam os gregos” (COSTA, 2013, p. 5).

3.3 Como o espaço urbano afeta o comportamento social.

É possível pontuar a influência do espaço sobre as ações dos indivíduos; tal relação afeta diretamente o comportamento social humano através do local e do contexto os quais estão inseridos. A influência do espaço urbano sobre as ações pode ser exemplificada através da preferência do uso do carro em um trajeto com opção de uso de mobilidade ativa, mediante a uma possível falta de tranquilidade e segurança no percurso.

As pessoas fazem usos específicos de algumas áreas e precisam que esses lugares sejam prazerosos. Entender o sentimento de pertencimento em uma região e compreender a identidade desse espaço propicia a criação de um ambiente favorável à mobilidade e às interrelações (PACHECO, 2019, n.p.).

Uma das preocupações deve ser a de oferecer espaços que pudessem proporcionar conforto e bem estar aos habitantes, levando em consideração o impacto do ambiente no comportamento da população. Entendemos que se o ambiente tem o poder de influenciar nossos hábitos e escolhas, então torna-se possível planejá-lo de forma que incentive escolhas mais saudáveis e sustentáveis.

Ainda segundo Pacheco (2019), existem duas formas de interação das pessoas com o espaço em que se apropriam. Primeiro, quando o sujeito age sobre a realidade, e segundo, quando a mesma influi nas ações do indivíduo. Isso porque não é possível dissociar o contexto do espaço físico vivenciado, dos seres humanos. Analisa-se tais relações entre pessoas e ambiente através da ótica da psicologia ambiental.

3.3.1 Psicologia ambiental

De acordo com Moser (1998), em situações que permanecemos em um espaço restrito e pequeno, é possível verificar uma postura comportamental diferenciada em relação a uma realidade com espaço amplo. Como também, a percepção e análise que temos do meio influenciam nossas ações, o que ressalta a importância do espaço.

Os espaços também podem ser definidos através das esferas sociais e culturais presentes, que influenciam diretamente na percepção do indivíduo proporcionando uma resposta individual de cada ser. A psicologia ambiental estuda então a relação entre pessoa e ambiente, mostra que essa é uma relação dinâmica e existe em ambientes construídos ou naturais. “Ela é dinâmica porque os indivíduos agem sobre o ambiente (por exemplo, construindo-o), mas esse ambiente, por seu turno, modifica e influencia as condutas humanas. Logo, não estamos estudando nem o indivíduo per se, nem o ambiente per se” (MOSER, 1998, n.p.).

Dessa maneira, de acordo com Moser (1998), compreendemos que alguns comportamentos se tornam possíveis e outros não, de acordo com as características do espaço físico, sendo ele algo que pode ditar nosso comportamento. Então, como consequência, entendemos que devemos criar e planejar espaços urbanos que

compreendam a integração “ser e espaço”, a fim de aprimorar o uso desses locais para que possam oferecer uma experiência de qualidade dentro da cidade.

3.4 A influência do desenho da cidade.

É importante entender então que, o espaço urbano é o reflexo do corpo social, ou seja, a cidade reflete essa relação. De acordo com Pena (2022), a cidade pode ser definida como uma área urbanizada, que se difere de outros espaços, a qual pode ser classificada como aquela que apresenta um certo número de habitantes, serviços específicos, infraestrutura e organização.

Pena (2022), cita ainda que cada cidade apresenta características diferentes, que vão de acordo com o estilo de vida dos seus habitantes, pela forma que foi urbanizada, sua cultura e pela concentração de atividades econômicas. Nesse sentido, a cidade deveria apresentar características industriais e comerciais predominantes.

Friedrich (1882), sugeriu em seu livro *Anthropogeographie* a seguinte definição de cidade: “um adensamento contínuo de pessoas e habitações humanas, que ocupa uma considerável área do solo e que está localizado no centro das principais linhas de tráfego”.

Com isso, a cidade ou o espaço urbano definido, não levando em conta a sua dimensão ou característica, é também um produto da relação do homem com o meio. De acordo com Lencioni (2008), através dessa relação “homem e meio” a cidade se torna algo completamente mutável, e por isso vão sendo acrescentadas a ela adjetivos para caracterizar suas particularidades, como cidade satélite, cidade vertical, cidade informal, cidade mundial, cidade 3D, entre outros.

Cidade não é unicamente um espaço onde se habita... deverá ser um espaço vivo onde exista uma constante dinâmica e envolvimento das pessoas e que permita uma plena vivência da cidade e dos seus espaços.”
(DUARTE, 2020, n.p.)

Existem instrumentos, como por exemplo o plano diretor, a lei de uso do solo, que servem para nortear o desenvolvimento e o crescimento dos espaços urbanos, tendo como finalidade organizar o desenvolvimento da cidade em seus aspectos físico-territoriais. O progresso, ou não, das cidades é influenciado diretamente através das

diretrizes estabelecidas por tais instrumentos, pois acabam por definir a forma como nos deslocamos, os lugares que nos sentimos seguros ou não, os lugares mais ou menos agradáveis de passar, influenciando nossas escolhas diárias.

De acordo com Pacheco (2017), o desenho da cidade afeta não só a forma como nos deslocamos, mas o tempo que gastamos nesses deslocamentos. A concentração de serviços oferecidos, de comércio, saúde (hospitais), educação (escolas) e lazer nos bairros centrais, gera um padrão do uso da cidade, as pessoas vão para os mesmos lugares, utilizam as mesmas ruas, saem de casa em horários próximos... é um traço presente em várias cidades, que influencia a mobilidade do espaço urbano, gerando congestionamentos e incentivando uso do caso se vinculado ao transporte coletivo ineficiente.

Ainda de acordo com Pacheco (2017), se uma cidade vai crescendo sem planejamento, ela pode vir a ser uma cidade que ele cita como cidade 3D, dispersa, desconectada e distante. E com isso, as distâncias de acesso aos serviços aumentam e conseqüentemente os custos de levar infraestrutura a essas áreas são impulsionados.

Nossas percepções e muitas das decisões que tomamos no dia a dia são moldadas por dispositivos e normas de planejamento previstas em um documento. Se esse documento é construído de forma participativa e inclui mecanismos que articulam transporte coletivo, distribuição de serviços, diferentes centralidades e densidade populacional, então teremos uma cidade direcionada ao desenvolvimento sustentável (PACHECO, 2017, n.p.).

É possível sugerir poli centralidades no espaço urbano, com uma distribuição equilibrada da infraestrutura, com intuito de assegurar que os cidadãos possam trabalhar, morar e acessar os bens e serviços que precisam em diferentes áreas da cidade.

Pacheco (2017) indica que quando a cidade apresenta espaços públicos atrativos e seguros, as pessoas são incentivadas a desfrutar dos espaços de convívio e das ruas, esses espaços são áreas destinadas ao bem estar das pessoas dentro da cidade, e também estimulam a mobilidade ativa. Em contrapartida, as pessoas podem ser afastadas das ruas e do espaço urbano com a construção de lugares como shoppings, condomínios privados que oferecem o que a cidade deveria oferecer, e outros.

A oferta de um ou de outro influencia o modo como nos relacionamos com o ambiente urbano: na rua, estamos em contato direto com a cidade, aptos a enxergá-la e senti-la; no interior de ambientes fechados, vivemos não a cidade, mas uma construção fechada em si mesma (PACHECO, 2017, n.p.).

Torna-se válido ressaltar a importância do planejamento urbano nessas questões, pois esse planejamento vai estabelecer nosso uso e de certa forma definir nossas experiências no ambiente.

Pacheco (2017) ainda menciona a importância do planejamento urbano relacionado a fenômenos extremos, como por exemplo, furacões, tempestades, uma pandemia, por exemplo e fala sobre a capacidade preventiva da cidade estar interligada ao planejamento ambiental e do uso do solo, que pode vir a amenizar ou potencializar as consequências desses fenômenos.

4. A PANDEMIA E A MUDANÇA DO COMPORTAMENTO SOCIAL.

Em 2021, um dos dilemas centrais das discussões giram em torno das medidas de distanciamento e de isolamento social, visto o impacto que eles causam no espaço urbano. As pessoas quarentenadas, diminuíram seus deslocamentos, começaram a criar novos hábitos, tendências e mudanças de comportamento que impactaram diretamente no espaço urbano.

Em todo o mundo as medidas de distanciamento e isolamento social, recomendadas pela Organização Mundial de Saúde - OMS, tiveram que ser adaptadas de acordo com a realidade das pessoas e do espaço urbano. Uma vez que a capacidade de adaptação urbanística era infinitamente menor em locais periféricos, a pandemia evidenciou ainda mais as adversidades já existentes nestes espaços.

Essa crise sanitária do Covid-19, atingiu severamente a vida urbana, o isolamento, tomado como uma medida ao enfrentamento de disseminação do vírus, fez com que as pessoas ficassem cada vez mais reclusas, interferindo diretamente em outros aspectos e áreas da cidade, como nas atividades culturais, no comércio e prestação de serviços, no uso de espaços públicos e na vida coletiva de forma geral.

Um tema bastante abordado em discussões urbanas é a questão da busca de uma cidade para as pessoas, que seja mais saudável, inclusiva e justa, e que também possa garantir o acesso a um espaço público de qualidade. Condição que se torna indisponível quando é iminente a necessidade de estabelecimento de medidas de distanciamento para reduzir riscos de contaminação em uma pandemia, sendo indispensável um distanciamento social.

Amplia-se, sobretudo, a tensão entre a ruptura com o passado que está sob ameaça de perda, um presente que está em estado de crises constantes e um futuro que oferece possibilidades incertas, com riscos mundialmente compartilhados. Lembrando que hoje a mobilidade e velocidade das novas tecnologias de informação e de telecomunicação distinguem de modo mais intenso o espaço urbano atual daquele do início do século XX (SCOCUGLIA 2011, p. 405).

Considerando que a pandemia traz à tona uma nova dinâmica de habitar a cidade, é indispensável fazer uma análise sobre como o comportamento das pessoas mudou nesse período. De acordo com Bezerra e Júnior (2020) é importante mencionar que as pessoas acreditam que cidades bem planejadas e desenvolvidas, estão mais aptas

a enfrentar uma pandemia, pois podem proporcionar melhores alternativas à população, através da qualidade do espaço urbano e do desenho da cidade.

4.1 Mudanças de hábitos sociais causados pela quarentena.

Pontua-se que o futuro do espaço urbano se mostra impreciso diante das mudanças sociais, portanto, é importante notar os novos hábitos sociais que o isolamento gerou. Se as pessoas não podiam se deslocar para seu local de trabalho, passaram a trabalhar em casa, diminuindo, de certa forma, o uso de transporte, diminuindo o fluxo de carro nas cidades, tornando a cidade em um local de utilização apenas em momentos pontuais.

Uma das principais modificações foi quanto ao trabalho. Tradicionalmente, as pessoas saíam de casa pela manhã e voltavam fim de tarde ou à noite, passando normalmente um período de 8h fora de casa e quando foi estabelecido a quarentena, houve uma modificação desse hábito, as pessoas começaram a ficar de *home office*, termo em inglês usado para o “trabalho em casa”.



Figura 11: Dados de trabalho
Fonte: IBGE, PNAD, 2021.

Plascak (2020) conceitua o *home office* como um conjunto de atividades que acontecem fora da empresa, e foi um espaço concedido também pelo avanço da tecnologia, sendo uma forma de trabalho onde o funcionário pode se dedicar total ou parcialmente a uma empresa, tendo uma jornada de trabalho mais flexível. O *home office* passou inclusive a ter uma definição dentro da legislação, com intuito de orientar os trabalhadores.

Art. 75-B. Considera-se teletrabalho a prestação de serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com a utilização de tecnologias de informação e de comunicação que, por sua natureza, não se constituam como trabalho externo.

Parágrafo único. O comparecimento às dependências do empregador para a realização de atividades específicas que exijam a presença do empregado no estabelecimento não descaracteriza o regime de teletrabalho. (LEI Nº 13.467, 2017).

Com essa possibilidade de trabalhar em casa, algumas pessoas trocaram às 8h de trabalho no escritório, por horas de trabalho em seu próprio lar, passando assim a perceber mais o ambiente em que estavam e notar novas necessidades em cada ambiente. Com isso, a higiene pessoal e dos ambientes domésticos passaram a ter um caráter mais exigente e minucioso, como a limpeza de pisos e objetos comuns a fim de diminuir os impactos e infecções da Covid-19.



Figura 12: *Home office*.

Fonte: YIMEISGREAT, 2020.

Antes do início da pandemia o comportamento social comum era sair para trabalhar, para praticar algum exercício, andar por algum parque, mas durante o período epidêmico, com a exigência do isolamento social e o fechamento de comércios, ambientes empresariais e sociais, a casa teve que suprir o que acontecia no espaço urbano, sendo um possível local de trabalho, de lazer, de prática de exercícios e de encontros, tornando-se um lugar multifuncional.

Paralelamente a isso, devido à quarentena imposta pela Covid-19, houve um aumento na falta de contato social, visto que as pessoas passaram a não sair de casa, no Brasil, por decreto do Governo, passando a utilizar o espaço urbano apenas em visitas pontuais, para serviços essenciais, como ir ao mercado, a farmácia e aos hospitais.

Contudo, o comércio de rua, a parcela que não entra nos serviços essenciais, deixou de ser frequentado. Shoppings, lojas de galeria, restaurante, todos tiveram que se adaptar ao momento, em busca de se reinventar, criando uma nova forma de vender, que pudesse atingir e atender o consumidor sem que ele precisasse sair de casa. Uma das formas adotadas foi incluir mais ainda a tecnologia no cotidiano, a fim de chamar atenção do consumidor, tornando as vendas on-line mais atrativas. “62% dos brasileiros estão visitando menos lojas físicas e 32% aumentaram as compras on-line de alimentos – um segmento até então com baixa penetração do e-commerce” (EY BRASIL, 2020, n.p.).

A pandemia provocou uma forte mudança de atitude e de prioridades em relação às atividades frequentes do meio social. Com isso, algumas ações que eram feitas sem preocupação, como ir a bares, a restaurantes e ao shopping center ou escolher roupas e acessórios em uma loja física, passaram a ser consideradas perigosas. Todas essas atividades, segundo a pesquisa da EY Brasil, são as que menos de 20% dos consumidores disseram estar confortáveis em fazer neste momento.

Dentro desse contexto, é válido perceber que os comércios locais passaram a ser mais valorizados, mercados de bairro e lojas de conveniência. A baixa no deslocamento das pessoas acarretou maior valor nas coisas que ficavam próximas das casas, as quais não necessitam de deslocamento por uma grande distância e têm a possibilidade de ir andando ou de bicicleta a esses lugares, de modo ativo, sem precisar da utilização de transportes automotivos, sendo, também, uma forma mais segura para manter a distância necessária entre as pessoas. “É importante destacar que 52% dos entrevistados reduziram sua frequência de compras, 39% aumentaram o volume de compras de itens diversos pela internet e 33% passaram a comprar de outras marcas para apoiar negócios locais.” (EY BRASIL, 2020, n.p.).

O gráfico abaixo mostra as mudanças na rotina das pessoas em função da pandemia de Covid-19, ressaltando seus sentimentos na execução das atividades que antes faziam parte do cotidiano dentro da cidade.

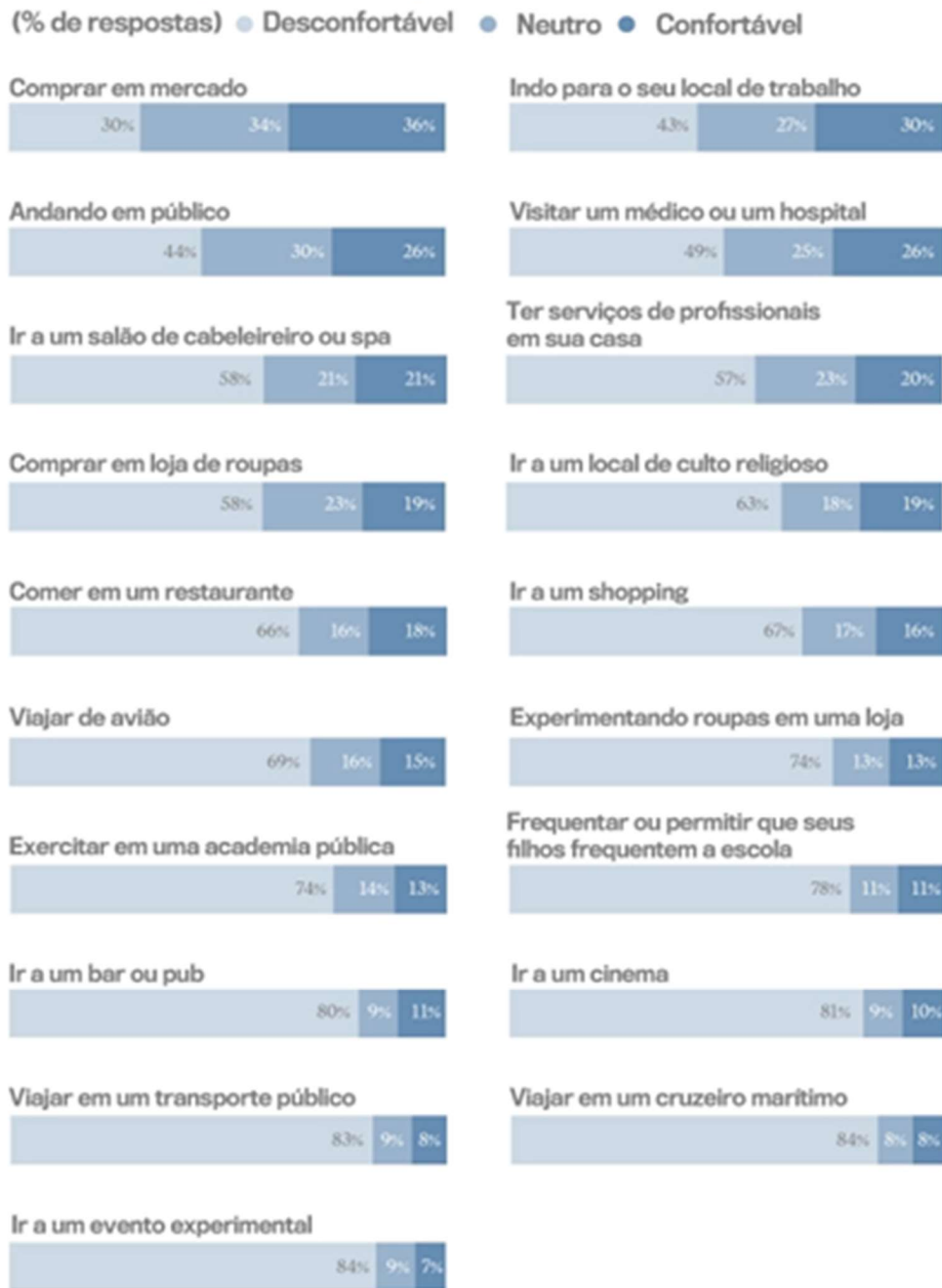
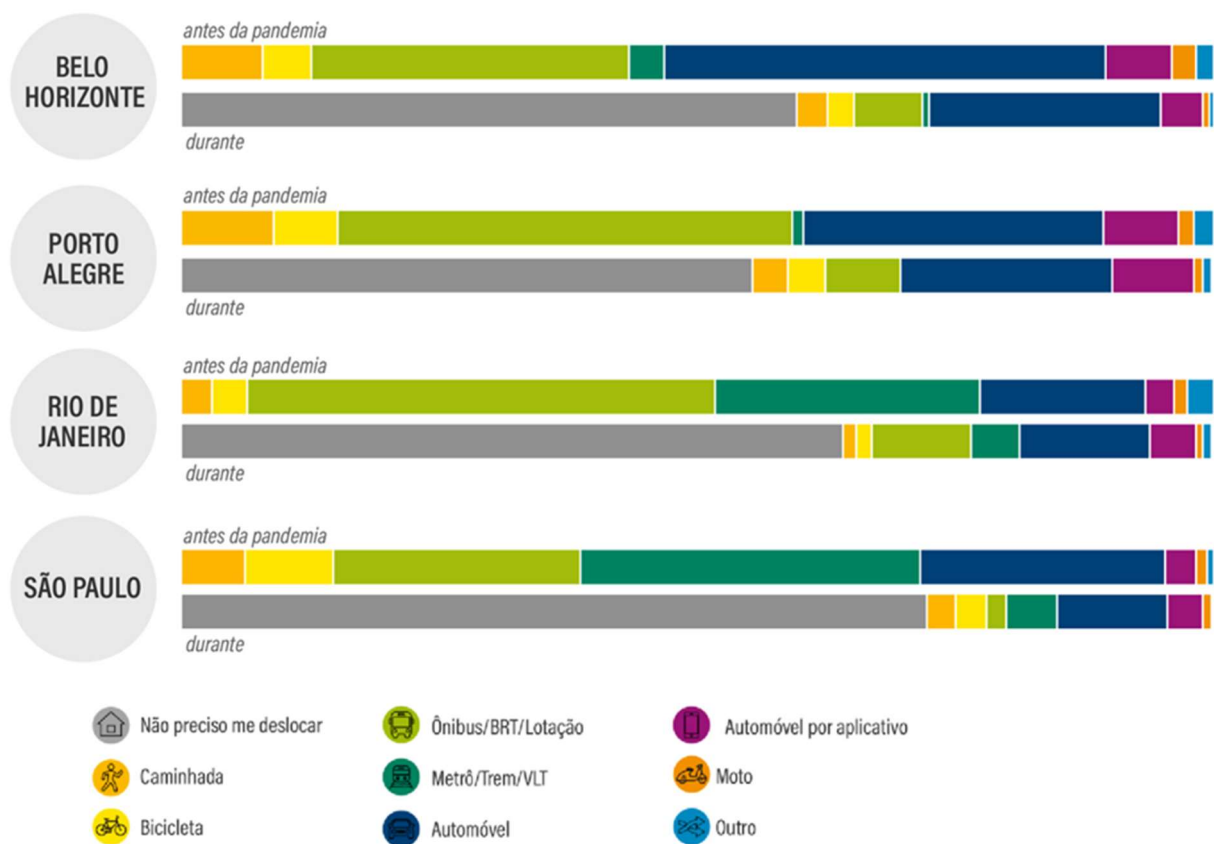


Figura 13: Nível de conforto nas atividades diárias. Fonte: EY Parthenon, 2020.

Observa-se, ainda, que tais mudanças repercutem diretamente na mobilidade urbana. Dessa forma, é válido analisar o impacto causado no espaço urbano, desde a

utilização de meios de transportes coletivos, bem como os meios transportes, privados e sustentáveis, como as bicicletas.

Exemplo disso está no gráfico da pesquisa sobre mudanças no meio de deslocamento das pessoas dentro do espaço urbano, para exercer sua atividade principal, feita por Pasqual e Petzhold (2021) em conjunto com o Centro de Excelência BRT+ que mostra a relação de dados no uso de transporte, onde nas cidades de Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, houve uma significativa baixa no deslocamento de parte da população.



Fonte: Pesquisa CoE BRT+ (PUC Chile)

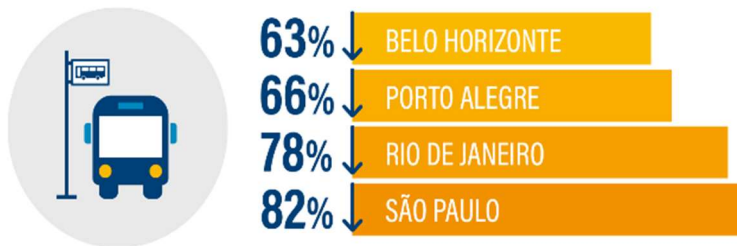


WRI BRASIL

Figura 14: mudanças no meio de deslocamento para atividade principal. Fonte: WRI BRASIL, CoE BRT + PUC Chile, 2021.

A preocupação com a transmissão de Covid-19 foi uma constante – em todas as cidades pesquisadas, mais de 60% dos respondentes afirmaram que estavam “extremamente preocupados” ou “muito preocupados” com a higiene no transporte público (PASQUAL E PETZHOLD, 2021, n.p.).

Através da pesquisa feita por Pasqual e Petzhold em parceria com a PUC, com o intuito de entender os impactos da pandemia na mobilidade urbana de capitais brasileiras, é válido perceber também o percentual de pessoas que reduziram o uso do transporte coletivo durante a pandemia nas capitais brasileiras foi alto, como mostra o gráfico abaixo.



Fonte: Pesquisa CoE BRT+ (PUC Chile)



Figura 15: Diminuição no uso do transporte público.
Fonte: WRI BRASIL, CoE BRT + PUC Chile, 2021.

Ainda de acordo com a pesquisa feita por Pasqual e Petzhold (2021) em conjunto com o Centro de Excelência BRT+, os quais mencionam que se levarmos em consideração a renda das pessoas que contribuíram com o questionário percebe-se que, no Brasil, a parcela da população de baixa renda continuou com o uso de transportes coletivos e se deslocando mais durante o período pandêmico, o que acarretou maior exposição e infecção ao vírus, motivando, assim, um possível aumento do número de mortes por Covid-19 em bairros periféricos.

Ao sair do âmbito da mobilidade e adentrar a realidade cultural e artística durante a pandemia, observa-se que o setor cultural foi um dos mais afetados, pois necessita diretamente do público para a execução da sua arte e para a manutenção do seu sustento. Com isso, os artistas tiveram que se readaptar à realidade pandêmica, visando manter o seu trabalho e a sua expressão artística, por meio virtual, ocasionando, assim, uma maior expansão e divulgação do acesso à arte e a cultura através da internet e das várias redes sociais, diminuindo as visitas físicas a locais como teatros, cinemas e museus.

Diante dessa questão, vários sentimentos, sensações e reflexões afloraram na sociedade em relação ao espaço urbano, o que mesmo de forma inconsciente gerou

uma espécie de “angústia urbana”, segundo Rocha (2021), em seu artigo “Coautoria Urbana e Quarentena”, a qual define como medo de explorar e usufruir o espaço urbano, ou da tristeza de não se apropriar dele. Assim, as mudanças que a Covid-19 provocou no espaço urbano com novo uso das cidades que podem resultar em novas formas de divisão da malha urbana.

As legislações que regulamentam as divisões e ocupações do solo urbano precisam acompanhar as transformações das necessidades que a cidade apresenta à medida que a população se organiza de modo diferente, no tocante a morfologia e a apropriação (BEZERRA E JÚNIOR, 2020, n.p.).

4.2 Como a cidade se adaptou de forma provisória ou definitiva.

Uma nova dinâmica no uso dos espaços urbanos fez com que locais como estacionamentos, órgãos públicos e até prédios escolares, os quais estavam inativados devido à quarentena, tivessem uma mudança na sua função social, passando a ser um local de apoio e de combate ao vírus, como postos de vacinação e drive-thru, de testagem ou de atendimento rápido para exames, a fim de atender a toda demanda populacional.

Segundo a ideia defendida por Queiroga (2003), professor da FAU-SP, a cidade revela ao público uma espécie de "metamorfose" na funcionalidade do espaço urbano. Os espaços podem surgir através de um espaço já existente ou não, “No entanto, a dinâmica da cidade e os comportamentos de seu povo podem criar espaços públicos que legalmente, eles não são, ou não foram pretendidos como tal, aberta ou fechada, sendo, por exemplo, uma fábrica ou um armazém abandonado, espaço entre edifícios, entre outras alternativas.” (SEGOVIA e JORDÁN, 2005, p.17)

A quarentena revelou a necessidade de viver na cidade e de apropriar-se de suas estruturas, mesmo que de uma forma mais simplória e diferente do habitual. Ainda de acordo com Segovia e Jordan (2005), as expectativas e as formas de apropriação dos espaços urbanos passaram a ser planejadas, como encontros casuais, trabalhos, afazeres pessoais e o lazer.

É válido pontuar que Pena (2021) ressalta no cenário atual, a diminuição do crescimento das metrópoles e o crescimento de cidades médias, onde uma boa

parcela da população deixa os grandes centros urbanos e se acomodam nas cidades de médio porte, devido ao alto investimento injetado nessas áreas e sua grande expansão comercial. Com isso, as metrópoles brasileiras estão contendo o seu crescimento, sendo também um dos efeitos da pandemia, as pessoas deixarem as cidades afim de se proteger como nos tempos antigos com os períodos de isolamento – junto com a doença veio o medo.

Com isso, ainda de acordo com Pena (2021) as áreas litorâneas e interioranas do país passaram a ser mais valorizadas por parte da população brasileira, as quais durante a pandemia ganharam um sentimento de refúgio e calma, como para a empresária Michele Molinari, de 39 anos, para quem a covid-19 adiantou a realização do sonho que antes era reservado apenas para a aposentadoria: mudar-se da cidade para a praia, segundo entrevista realizada pela BBC News Brasil.

Um exemplo emblemático é o da maior cidade do país: São Paulo. A capital paulista vem, nos últimos decênios, apresentando sucessivas quedas em seu ritmo de crescimento demográfico. Na década de 1970, esse crescimento foi de 3,5%, passando para 2,1% nos anos 1980, 1,8% nos anos 1990 e 1,1% nos anos 2000. Isso ocorre porque as migrações inter-regionais diminuíram de intensidade ou, em alguns casos, inverteram-se, haja vista que a própria São Paulo vem registrando saldos migratórios negativos (PENA, 2021, n.p.).

No entanto, no Brasil, juntamente com a situação pandêmica, o custo de vida e o valor de imóveis nas metrópoles têm se elevado rapidamente, devido à especulação imobiliária e aos benefícios fornecidos nas áreas mais privilegiadas dos grandes centros urbanos.

A partir disso, visto que as pessoas passaram a valorizar ambientes maiores, mais iluminados, que oferecem varandas e terraços, áreas de lazer privadas e locais mais próximos aos serviços essenciais. Tal questão pode ser vista diante dos números divulgados pela BBC News Brasil junto à seção paulista do Colégio Notarial Do Brasil, os quais mostram um aumento de quase 37% nas compras e vendas de imóveis no Estado.

Assim, após as revoluções agravadas ou geradas pela pandemia da Covid-19, foi necessário se adaptar de forma que fosse possível atender uma nova forma de viver

na cidade, a qual valorizasse o que já era existente, bem como a criação de novos hábitos e ambientes.

Diante das necessidades de mudanças advindas do momento atual, nota-se que uma das primeiras e mais forte tendências a surgir durante a pandemia foi o home-office, o qual leva a ideia de que as empresas, como local de trabalho, poderão se tornar obsoletas, visto que as pessoas conseguem desempenhar algumas profissões no conforto de casa, sem a necessidade de locomoção. Dessa forma, de acordo com Rolnik (2003), os hábitos online foram difundidos não só no âmbito trabalhista, mas também nas formas de consumo, o que levou a diminuição gradual de pontos físicos de comércio e de escritórios nas áreas urbanas.

Observa-se, ainda, que a pandemia não foi a principal motivadora de algumas mudanças no meio social, ela também foi uma catalisadora de processos que já estavam em desenvolvimento. Com isso, a migração do espaço físico para o espaço virtual, potencializado pela pandemia de Covid-19, ocorre de forma diferente a depender de fatores, como financeiros e socio territoriais da sociedade.

Diante desse avanço do meio tecnológico, os arquitetos e urbanistas começaram a pesquisar e buscar entender mais sobre o ciberespaço, termo o qual foi idealizado por William Gibson, em 1984, revelando um espaço virtual composto por usuário e computadores conectados em uma rede. Tal espaço é existente no mundo virtual, na área de tecnologia e comunicação, sem que seja necessária a presença física do homem, o que evidencia a interligação humana-tecnológica em qualquer parte do mundo.

Com isso, a internet e as redes sociais, vem para validar a criação de novos espaços a fim de se expressar, estudar e se comunicar. Exemplo disso a ser mencionado, é um jogo virtual chamado “*Second Life*”, o qual as pessoas podem, dentro do jogo, criar sua imagem virtual, usá-la para dirigir, conhecer novos lugares, viajar, criar relações com outras pessoas ou montar um negócio e até sua própria casa. Portanto, é importante entender como essa questão está contribuindo para o estilo de vida das pessoas nas cidades, que através do virtual, deixam viver no real espaço físico urbano.

Dessa forma, surge o termo “cibercidade”, o qual qualifica a cidade virtual que funciona de forma semelhante à cidade real. Assim, nos deparamos com uma nova forma de socializar, a qual traz impactos diretos na nossa concepção de valor ético e moral no ambiente urbano.

As empresas, restaurantes e comércio abraçando por completo a prestação de serviços e entrega via internet e demolindo com um só golpe o atributo da localização do emprego, oferecendo conforto e comodidade para consumidores, e um outro ambiente para o trabalho, práticas estas que poderão alterar definitivamente o futuro dos negócios urbanos e a relação consumidor-provedor de serviços num contexto de aglomeração e cidade compacta (ACIOLY, 2020, n.p.).

A partir da ideia defendida por Acioly, a cidade no pós-pandemia da Covid-19 deverá oferecer espaços públicos acessíveis, sendo uma cidade sustentável, compacta, e conectada a todos.

Ao trazer para a realidade brasileira, nota-se que uma iniciativa muito similar ao conceito de cidades policêntricas, foram as medidas tomadas por São Paulo, as quais buscaram a promoção e o desenvolvimento de empresas e comércios locais, incentivando a economia. Desta forma, diante de tal iniciativa, os moradores da cidade podem realizar suas necessidades ao seu entorno, o que otimiza o tempo de deslocamento diário. Assim, essa iniciativa traz para a cidade de São Paulo estratégias urbanas internacionalmente reconhecidas e muito promissoras.

Nessa perspectiva, diante das modificações ocorridas na cidade trouxe à tona as questões locais, pois, segundo Wolf e Pereira (2020), o fato de estarmos isolados e usufruindo mais de ambientes próximos de onde moramos, acarreta uma maior atenção às coisas que antes eram despercebidas ou não valorizadas. Exemplo disso, foi a adesão a prática esportivas e saudáveis, como caminhadas, a qual segundo pesquisa realizada pelo Ibope juntamente com o Sesc de São Paulo, mais de 11% dos paulistanos aderiram a essa prática.

Comecei a perceber mais o bairro. Tem muitos lugares interessantes. Você não vê mais só os telhados, vê as construções de perto e os detalhes das coisas". "Tive até a experiência na quarentena de passar a pé pela ponte da Casa Verde pela primeira vez. Pude observar o que é o Rio Tietê de verdade, ver a anatomia da cidade. Coisas que de carro a gente não presta atenção. Entrevistados na pesquisa do Ibope para o instituto cidades sustentáveis, em parceria com o Sesc, ouviu pessoas de classes A, B e C (IBOPE, 2020, n.p.).

Portanto, a pandemia do covid-19, traz à tona debates que levam em conta o modelo de urbanização a que nossas cidades têm sido submetidas, sendo cada vez mais importante pensar em alternativas que possibilitem a criação ou a modificação de espaços que sejam mais acessíveis e saudáveis, incluindo o que pode nos acometer futuramente.

5. MODIFICAÇÕES DO COMPORTAMENTO SOCIAL NA CIDADE DO RECIFE E COMO ISSO REFLETIU NO ESPAÇO URBANO.

Podemos perceber que a pandemia traz consigo regras necessárias de convivência, onde no caso da pandemia do covid-19 a principal condição foi a de isolamento social, este isolamento causa uma mudança no espaço social, que está diretamente ligado ao espaço físico que vivemos.

Então essa mudança de comportamento, reflete no uso do espaço urbano, uma vez que as pessoas precisaram ficar mais tempo em casa, deixando de frequentar as ruas rotineiramente, além de que foi necessário adequar o espaço urbano a situação, como por exemplo, disponibilizar novos postos de vacinação, oferecer assistência hospitalar além do previsto, dando a alguns lugares uma nova função social, como por exemplo utilizar um colégio ou um supermercado para realização de testes de Covid-19.

Foi necessário também reavaliar a questão da mobilidade, implantar ciclofaixas, disponibilizar serviços online, entre outros. Isso ocasiona um impacto na cidade, como observado através de dados expostos no capítulo anterior sobre cidades brasileiras.

A fim de entender mais sobre essa questão e captar a percepção dos moradores da cidade acerca da relação entre a mudança do comportamento e o espaço urbano, durante o período pandêmico, foi aplicado um questionário na cidade do Recife como técnica de pesquisa para verificar quais alterações ocorreram na cidade, e se de alguma forma essa alteração refletiu no espaço físico da cidade (ver APÊNDICE A).

5.1 Análise de questionário.

A pesquisa foi realizada com 80 habitantes da região metropolitana do Recife, onde essas pessoas relataram sobre sua rotina durante a pandemia, sobre a percepção das mudanças na cidade e se perceberam que essas mudanças foram temporárias ou definitivas, opinando assim sobre a adaptação do espaço urbano do Recife a esse período.

O questionário aplicado foi criado na plataforma Google Forms, contendo 15 perguntas variadas entre múltipla escolha e descritivas. O primeiro questionamento foi acerca da faixa etária dos entrevistados, tendo mais de 85% das pessoas com idade entre 20 e 59 anos.

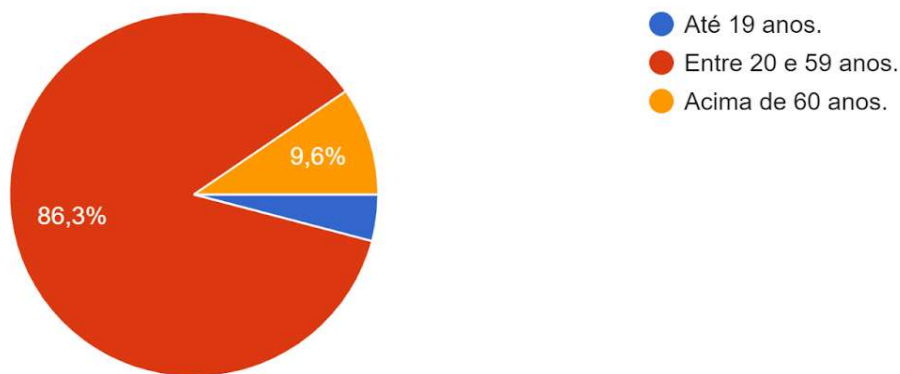


Gráfico 1: faixa etária dos entrevistados.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Além disso, foi verificado também que 70% das pessoas entrevistadas, residem na zona norte do Recife e apenas 30% nas demais, de acordo com a segunda pergunta, que foi qual o bairro em que moravam.

A terceira pergunta foi: Durante a pandemia, você permaneceu na sua casa ou passou algum período fora? Com o objetivo de entender o posicionamento das pessoas sobre sair da cidade para uma cidade menor ou para o campo, para se proteger ou “fugir” da contaminação, assim como foi feito em cidades europeias na época da pandemia da peste negra, por volta do século XIV, já que em Recife, foram confirmados um total de 238 mil casos de Covid-19 até junho de 2022, de acordo com o boletim informativo do SESAU, emitido pela prefeitura do Recife.

As respostas mostram que 43,6% das pessoas permaneceram em Recife e 56,1% em algum momento saíram da cidade, que mostra uma relação da pandemia com a saída das pessoas dos centros urbanos, mesmo que temporariamente.

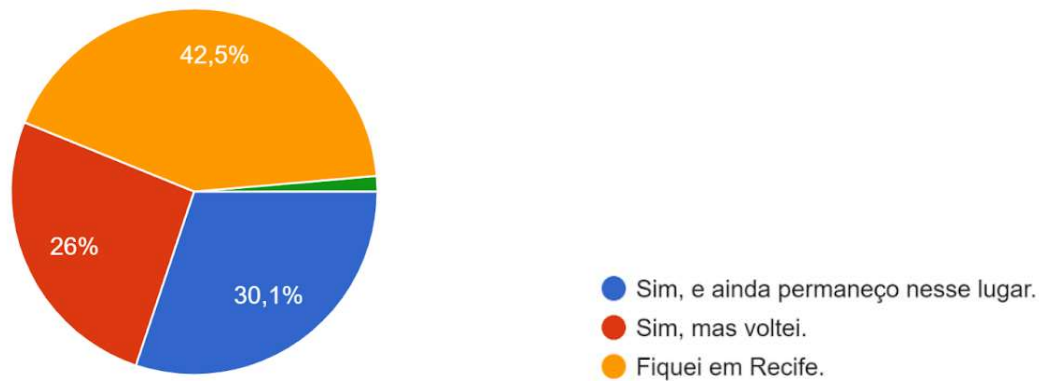


Gráfico 2: permanência em Recife.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Em congruência com a terceira pergunta, foi questionado sobre o possível desejo de mudança de moradia na pandemia, a fim de entender se a casa e a cidade atendiam as necessidades impostas pelo momento. Verificou-se que mais de 80% das pessoas não pensaram em mudar de moradia, mas 56% delas saíram temporariamente da cidade (como mostra o gráfico 2), e apenas 17,8% pensaram em se mudar.

Isso nos mostra que realmente ocorreu a saída de uma parte das pessoas da cidade do Recife durante o período de isolamento, mas passado esse período, as pessoas voltaram a cidade e como veremos mais à frente, a usufruir dos serviços oferecidos pela mesma.

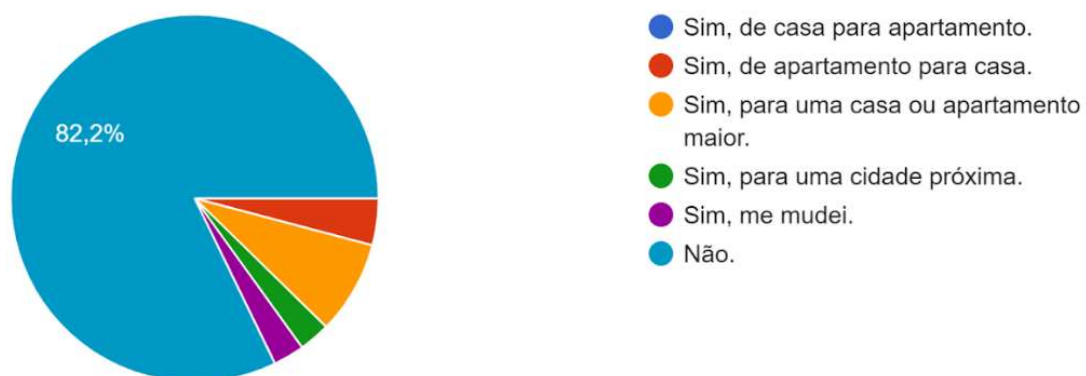


Gráfico 3: intenção de mudança na pandemia.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

A fim de observar a questão da mobilidade dentro da cidade, foi questionada a relação do tempo de estadia em casa nesse período, perguntou-se se tais indivíduos trabalharam em casa ou estudaram por ensino a distância (EAD). Com isso, como

mostrado no gráfico 4, foi observado que 79,5% das pessoas ficaram temporariamente em casa, sem precisar se deslocar para trabalho ou escola, 11% ainda continuam em *home office* ou EAD e 9,6% das pessoas continuaram em sua rotina normal de trabalho ou estudo.

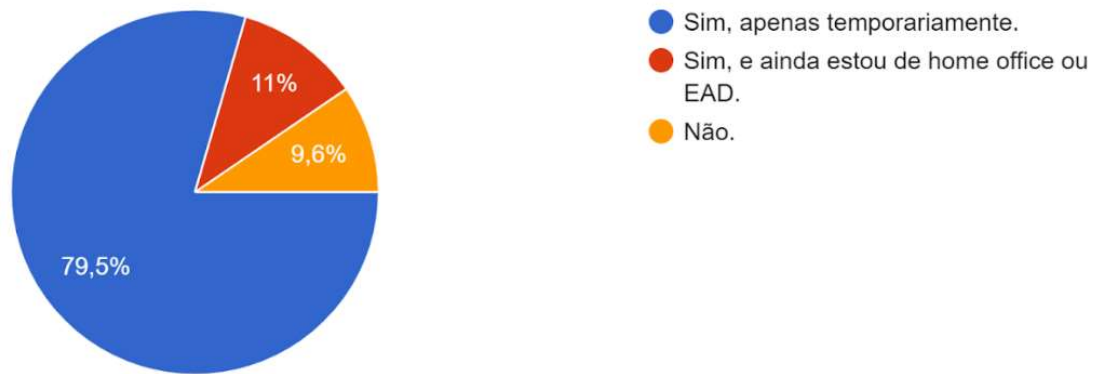


Gráfico 4: pessoas que ficaram em *home office* ou EAD.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

A quinta pergunta abordou os meios de transportes utilizados pelos 80 habitantes no contexto do COVID-19 e suas preferências de locomoção, sendo carro particular, transporte público, bicicleta ou caminhadas. Observou-se que 82,2% dos entrevistados utilizaram predominantemente o carro particular, 11% mobilidade ativa e 6,8% transporte público.

Esse resultado pode ter sido um reflexo da diminuição das frotas de transporte público, que de acordo com Soares (2021), ainda não voltou 100% ao normal, ou simplesmente uma forma de evitar contato social, diminuindo assim as chances de contágio.

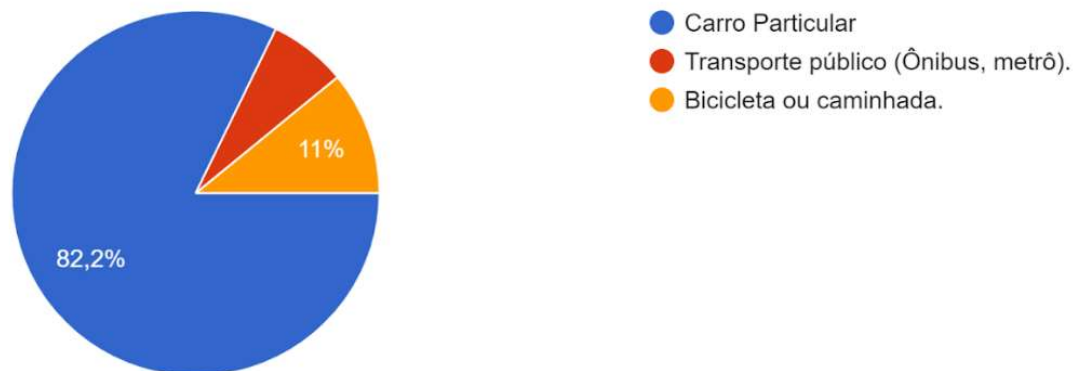


Gráfico 5: principal meio de transporte utilizado na pandemia.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Em complementação à pergunta anterior, também foi questionado sobre a utilização de mobilidade ativa (caminhar, andar de bicicleta) no período pandêmico, e o gráfico mostrou que boa parte das pessoas utilizaram da mobilidade ativa para deslocamentos. De certa forma, a utilização desse tipo de locomoção está ligada à proximidade dos serviços, exemplo: se tenho mercados, hospitais e escolas que consigo ter acesso sem ter que percorrer grandes distâncias e também a disponibilidade de ciclofaixas ou ciclovias na cidade.

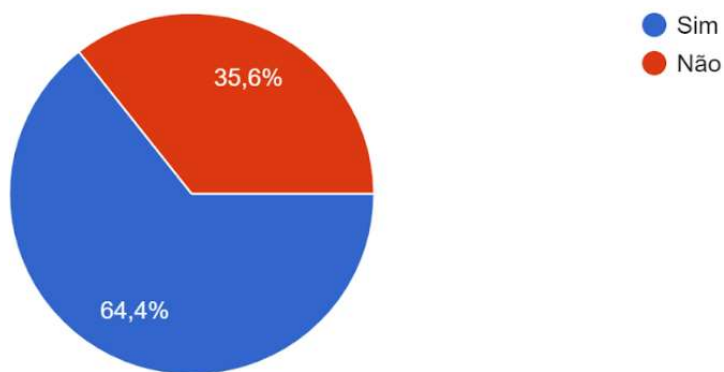


Gráfico 6: uso de mobilidade ativa dos entrevistados.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Para saber a percepção dos moradores sobre as alterações do espaço físico da cidade no período pandêmico, foi perguntado se perceberam alguma mudança em seus bairros, como: ciclofaixas, restauração de calçadas, menos trânsito e etc. 58,9% das pessoas perceberam uma mudança no espaço físico e 41,1% das pessoas não notaram diferença alguma.

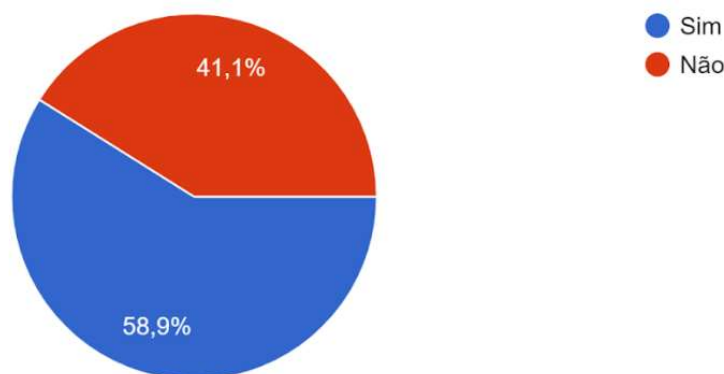


Gráfico 7: percepção de mudança no espaço urbano da cidade do Recife.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Das pessoas que conseguiram perceber uma diferença no espaço urbano da cidade do Recife, foi questionado quais mudanças conseguiram perceber. Quanto às respostas obtidas, na íntegra, relacionada a sétima pergunta, foram feitos os seguintes relatos listados no quadro abaixo:

<ul style="list-style-type: none"> Melhorias estruturais como revitalização de calçadas e faixas de trânsito, por exemplo.
<ul style="list-style-type: none"> Ciclofaixa, restauro de calçadas. Sim, mas a ciclofaixa está desbotando um pouco
<ul style="list-style-type: none"> Restauração e ampliação de calçadas e criação de ciclofaixas
<ul style="list-style-type: none"> Nova ciclofaixa
<ul style="list-style-type: none"> Restauração de calçadas e vias que antes eram apenas de barro.
<ul style="list-style-type: none"> Adicionaram ciclofaixa, trânsito aumentou quando as pessoas saindo do <i>home office</i>
<ul style="list-style-type: none"> Ciclofaixa, mudança do piso intertravado nas calçadas e vias de trânsito
<ul style="list-style-type: none"> Restauro de calçada e novas ciclofaixas.
<ul style="list-style-type: none"> Recuperação e requalificação das calçadas das quadras do entorno da Av. Conde da Boa Vista.
<ul style="list-style-type: none"> Mais pessoas andando de bicicleta e a pé.

Quadro 1: percepção de mudança no espaço urbano da cidade do Recife.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Dentro dessa porcentagem de 41% que não conseguiram notar diferença na cidade, conseguimos obter através das respostas escritas, que 17,6% das pessoas perceberam uma mudança na cidade, mas apenas temporária, principalmente relacionada ao trânsito na cidade, relataram que houve uma diminuição no tráfego e que conseguiram perceber mais pessoas andando a pé ou utilizando bicicletas, mas que com a volta de aulas e do trabalho presencial, voltou a ser como era antes.

Conseguimos perceber também através das respostas que as mudanças percebidas pela maioria das pessoas foi quanto a criação de ciclofaixas e ciclovias, revitalização de calçadas em alguns bairros e as vias da cidade, com restauro, mudança no sentido do trânsito ou valorização do pedestre com áreas pintadas nas ruas.

O próximo gráfico apresenta os resultados acerca da posição dos perguntados sobre a ida a espaços públicos da cidade. Foi perguntado se na pandemia eles passaram a frequentar locais públicos, como parques e praças. Com isso, foi apresentado que 56,2% das pessoas não frequentam tais localidades, mas no gráfico seguinte, foi questionado se esses habitantes sentiam falta de mais espaços públicos na região metropolitana do Recife e obteve-se como resultado que aproximadamente 80% do grupo sente falta.

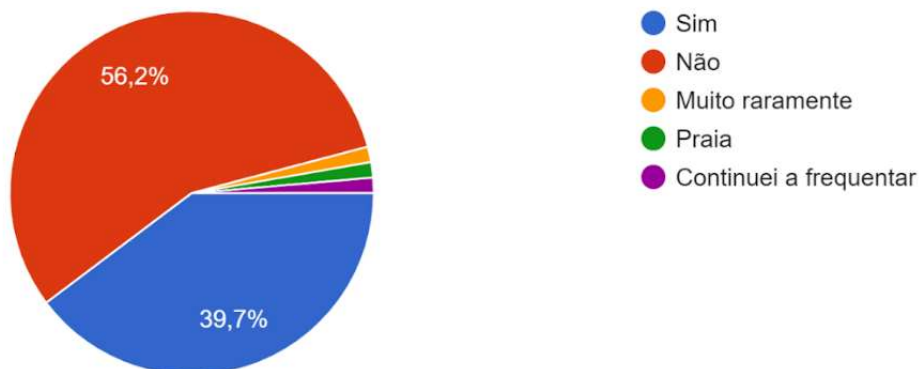


Gráfico 8: percepção de mudança no espaço urbano da cidade do Recife.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

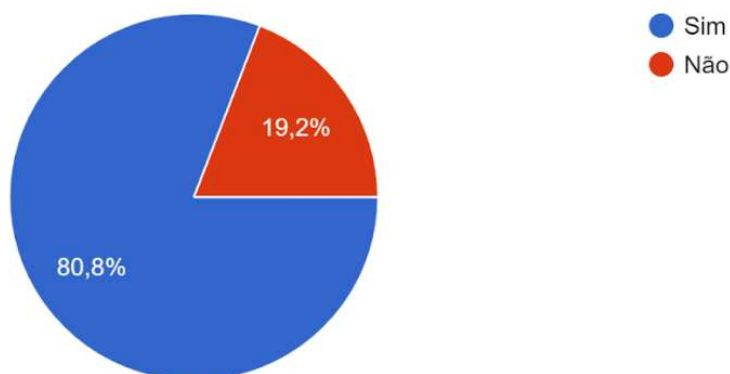


Gráfico 9: posição sobre a falta de espaços urbanos em Recife.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Dessa forma, faz-se necessário entender o que causa essa falta de uso dos espaços públicos existentes, vez que as pessoas demonstraram sentir falta de espaços públicos na cidade. Fica o questionamento, que pode ser pela qualidade dos espaços oferecidos, pela distância desses lugares, pela segurança que proporcionam ou não, facilidade de acesso, entre outros.

De acordo com as medidas sanitárias divulgadas pelos órgãos de saúde, estar em locais abertos e a uma certa distância das pessoas, dificultava a contaminação. Sendo assim, os moradores foram indagados se no cenário do COVID-19 optaram a frequentar locais de lazer como bares e restaurantes mais abertos ou com área externa. Cerca de mais de 79% das pessoas escolheram essa opção e frequentaram tais localidades.

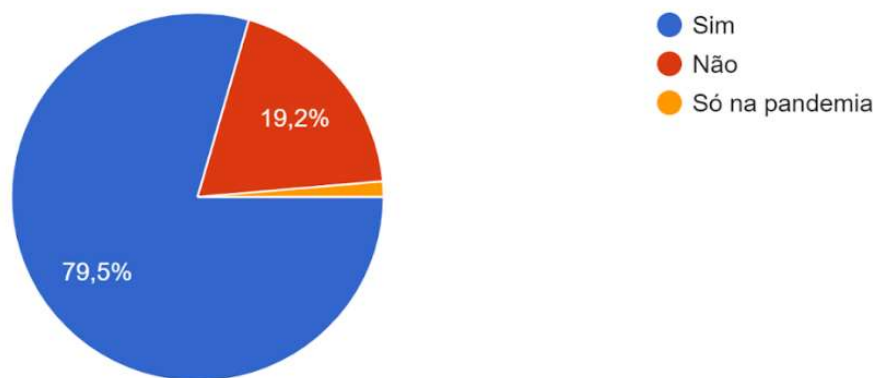


Gráfico 10: frequência em lugares abertos.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Ademais, para entender o uso de serviços ofertados pela cidade, foi questionado acerca da preferência de compras online durante esse período e sua permanência até os dias atuais.

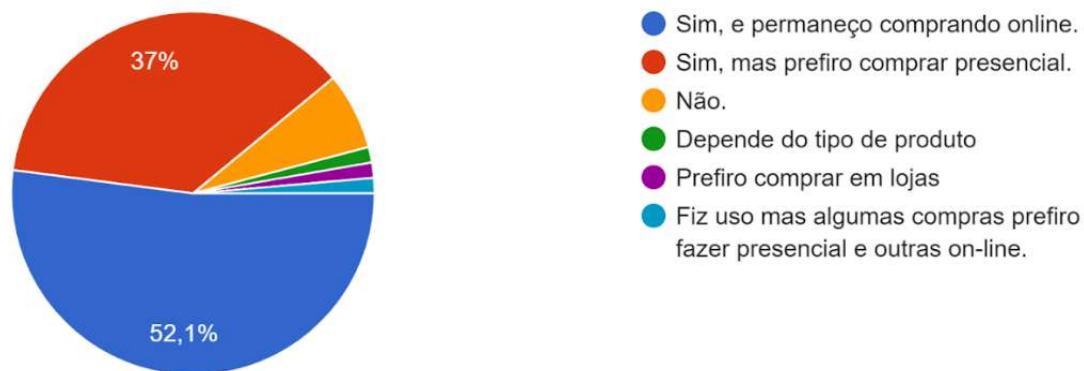


Gráfico 11: uso da internet para serviços essenciais.
Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Outra questão foi a respeito da percepção dos habitantes de Recife a eventuais problemas no espaço urbano - 42 pessoas relataram que perceberam problemas na cidade e outras 38 não perceberam ou não souberam opinar. Quanto às respostas obtidas, foram feitos os seguintes relatos listados no quadro 2:

<ul style="list-style-type: none"> Falta de ambientes externos e de lazer bem estruturados para a população.
<ul style="list-style-type: none"> Sim, mobilidade muito ruim, trânsito descontrolado e desorganizado.
<ul style="list-style-type: none"> Falta de opções de lazer ao ar livre, transporte público defasado, ciclofaixa sem continuidade, o escoamento da cidade simplesmente não existe.
<ul style="list-style-type: none"> Má gestão de recursos direcionados à saúde, necessidade de revisar o plano diretor da cidade a fim de melhorar sua infraestrutura, para que não ocorram catástrofes como a do final do mês de maio de 2022, por conta das chuvas.
<ul style="list-style-type: none"> Muitos buracos e calçadas mal asfaltadas.
<ul style="list-style-type: none"> Sujeira, ocupação desordenada, desigualdade social.
<ul style="list-style-type: none"> Serviço público, de todos os piores educação e saúde.
<ul style="list-style-type: none"> Medo generalizado e falta de espaços abertos de lazer seguros.
<ul style="list-style-type: none"> Falta de iluminação pública, segurança, drenagem, entre outros.

<ul style="list-style-type: none"> • Sim. O transporte público não teve alteração. E percebi que algumas estruturas da cidade ficam muito distantes do local de residência, forçando a pessoa a se deslocar de transporte público. Sei que o transporte público de Recife é regido pelo Estado, mas nem o transporte complementar que é da Prefeitura, funciona de forma adequada.
<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de projetos para que a população se utilize dos espaços públicos ou em céu aberto, o que prejudicou muito os estabelecimentos comerciais durante a pandemia, visto que acabavam limitados a ambientes fechados.
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de lugares públicos, parques, atividades ao ar livre, eventos nas ruas, espaço para prática de esportes e facilidade de acesso a serviços.

Quadro 2: respostas sobre os problemas percebidos na cidade do Recife durante a pandemia do Covid-19. Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Por meio da análise da tabela, é notório que a maioria das respostas giram em torno dos mesmos problemas, sendo eles: a falta de espaços públicos de qualidade, seguros e bem estruturados para atender a população; poucas opções de lazer ao ar livre, como eventos nas ruas; a dificuldade de acesso aos serviços essenciais, ao e também ao comércio; infraestrutura precária; buracos nas ruas, calçadas ruins e principalmente a questão da mobilidade.

Ainda sobre a mobilidade da cidade do Recife, foram relatados problemas como a defasagem do transporte público; ciclofaixas sem continuidade; trânsito desorganizado e estrutura de serviços oferecidos longe do local de residência, mesmo com as mudanças que ocorreram no período, como inclusão de ciclofaixas e melhora em algumas vias públicas.

Em complementação à pergunta anterior foi questionado: “Você acha que a cidade poderia ter se adaptado de forma diferente ao período pandêmico? Se sim, de que forma?” O resultado mostrou que 45 pessoas acham que a cidade não poderia ter se adaptado de maneira diferente ou não souberam opinar e 35 opinaram a favor. Quanto às respostas obtidas, foram feitos os seguintes relatos listados no quadro 3:

<ul style="list-style-type: none">• Sim, buscando realizar mais atrativos e espaços públicos e abertos para lazer e passeios.
<ul style="list-style-type: none">• Acredito que poderíamos ter feito mais obras de restauração e melhorias pela cidade, no tempo em que se tinha menos circulação de pessoas nas ruas.
<ul style="list-style-type: none">• Acredito que foi feito o que estava ao alcance diante de uma situação nova.
<ul style="list-style-type: none">• Sim, poderia ter ampliado os transportes públicos e incentivado o uso de bikes por meio da maior democratização no acesso a esse meio de transporte.
<ul style="list-style-type: none">• Dando prioridade às necessidades dos habitantes, melhorando estruturas.
<ul style="list-style-type: none">• Sim, valorizando os espaços públicos abertos, exigindo das empresas de transporte público que aumentasse a frota.
<ul style="list-style-type: none">• Acredito que sim, dando mais qualidade aos espaços públicos existentes e criando meios de incentivo à população para usufruir desses lugares! E feito políticas públicas em prol da sociedade
<ul style="list-style-type: none">• Sim. Estruturar melhor as ações, bem como ter proporcionando novos meios das pessoas usufruírem da cidade sem precisar estar aglomerado.
<ul style="list-style-type: none">• De início, creio que não, pois desconhecemos a extensão dos danos causados pela interrupção ou mudanças em determinadas atividades. A proporção que o período pandêmico avançou, creio que nós é que nos adaptamos a cidade.
<ul style="list-style-type: none">• Sim. Aumentando a frota de ônibus para evitar a superlotação (fizeram o contrário).
<ul style="list-style-type: none">• Sim. Promovendo arejamento dos locais e mantendo comércio, serviços e lazer funcionando.
<ul style="list-style-type: none">• Olha, como qualquer outra cidade do mundo nós não estávamos preparados para o isolamento social, no entanto, tudo aqui no Brasil é mais difícil devido à falta de educação.

- Sim, Recife não tem o mínimo de planejamento e organização urbana.

Quadro 3: respostas sobre a adaptação da cidade do Recife durante a pandemia do Covid-19. Fonte: Google Forms, 2022. Editado pela autora, 2022.

Dessa forma, com as respostas, podemos perceber que algumas pessoas comentaram que a cidade não estava preparada para esse tipo de ocorrência, e que por isso a adaptação não existiu ou foi mais difícil de acontecer. Já as demais pessoas, concordam com o fato de que a cidade poderia ter se adaptado de uma forma diferente, sugerindo ambientes de lazer abertos, melhorias pela cidade e obras de restauração, ampliar frotas de transportes público, incentivar o uso de bike, deixar espaços públicos mais atrativos, melhorar estrutura da cidade, dando prioridade às necessidades dos habitantes.

A partir desta pesquisa, conseguimos perceber que de fato ocorreram mudanças no comportamento social das pessoas que refletiram no espaço urbano do Recife, principalmente, relacionadas à mobilidade. Contudo, algumas dessas alterações foram apenas temporárias e ao longo do tempo o cenário urbano voltou às suas características primárias. Assim, faz-se necessário a criação de um planejamento que abrace situações atípicas e não previstas que possam afetar de forma direta o espaço urbano, com a finalidade de atender as necessidades da população em tais períodos.

6 CONCLUSÃO

O ano de 2020 trouxe consigo um turbilhão de desafios, colocando em xeque muitos aspectos da vida cotidiana. Marcados pela pandemia foi preciso, de alguma forma, nos reinventar para resistir a esse momento único. Com a cidade, não foi diferente. A Covid-19, assim como outras doenças infecciosas (peste negra, gripe espanhola, etc.) escancarou a relação entre a sua proliferação e a urbanização. Uma análise fácil de ser feita quando os dados mostram que a propagação do vírus tem sido muito maior em grandes centros urbanos.

Nesse contexto, as práticas de renovação, requalificação, revitalização e reabilitação urbana são acionadas para contribuir para a resolução de uma ampla série de problemas urbanos. Primeiro, é preciso diferenciar os termos que são muitas vezes usados como sinônimos, mas não têm exatamente o mesmo significado. Brevemente: revitalização trata de recuperar o espaço ou construção; renovação trata de substituir e reconstruir, portanto, pode alterar o uso; requalificar dá uma nova função enquanto melhora o aspecto; e a reabilitação trata de restaurar, mas sem mudar a função. Cada um desses processos gera, portanto, resultados diferentes para a área urbana.

Todas elas, no entanto, estão ligados à mesma ideia: transformar e regenerar espaços, zonas ou áreas urbanas a fim de rejuvenescê-las através da reconstrução de prédios ou de espaços públicos. Esses processos surgem da necessidade de resolver questões econômicas, sociais ou ambientais. Para que a população possa usufruir e ser impactada de forma positiva pela área transformada.

Como foi mostrado ao longo do trabalho, as cidades brasileiras de fato sofreram modificações no período pandêmico, principalmente em períodos de lockdown, tanto em seu espaço social quanto em seu espaço urbano. Os resultados da pesquisa comprovam a hipótese adotada, de que a pandemia afetou o espaço urbano da cidade do Recife, na medida em que modificou o comportamento social dos moradores da cidade e em consequência modificou o uso do espaço urbano, que por sua vez precisou se adaptar a um novo uso. Existiram modificações temporárias como por exemplo a adaptação de espaços para receber postos de vacinação, e existiram modificações definitivas como por exemplo a inserção de ciclofaixas na cidade.

A partir das revoluções e modificações causadas pela pandemia, ocorreu uma retomada da valorização do conceito de cidades policêntricas, a qual é definida pelo urbanista Bertaud (2004), como uma grande cidade, com vários centros que atendem aos seus moradores, onde todos os deslocamentos são curtos, podendo caminhar ou pedalar até o trabalho, as escolas e serviços essenciais como um todo, dado que seriam distribuídos de forma equilibrada ao longo desses centros urbanos.

Em cidades policêntricas, seus moradores não precisam passar diariamente pelos mesmos locais de concentração, desta forma não precisam usar os mesmos transportes coletivos, visto que a maioria sequer depende desse tipo de transporte, podendo se deslocar através de deslocamentos ativos.

Com isso, ao reduzir a necessidade de grandes deslocamentos, não apenas se reduz a disseminação do vírus, mas também a economia das comunidades locais se fortalece. Tal modelo também reforça as relações de pertencimento e de vizinhança, o que é algo muito importante quando se enfrenta situações como a da pandemia da Covid-19, a qual necessita da cooperação e do cuidado social. Seria esse o modelo de cidade ideal? A pandemia deixa a necessidade de entendermos e repensarmos nossos espaços, a fim de fazer com que o espaço urbano atenda às necessidades da população de forma adequada, estando preparado para qualquer tipo de intervenção.

REFERÊNCIAS

- ACIOLY, C.; DAVIDSON, F. **Densidade urbana: um instrumento de planejamento e gestão urbana**. Editora Mauad, 1998. Disponível em: https://claudioacioly.com/sites/default/files/2020-02/42%201998_Urban%20Density_Draft%20Text%20for%20the%20Book%20by%20Mauad%20Editora_PÓRT.pdf. Acesso em: 10 de novembro 2021.
- ALMEIDA, M.; BIZUTI, M.; **As pandemias na história e o desafio da Covid-19**; CEBES, 2021. Disponível em: <http://cebes.org.br/2021/02/as-pandemias-na-historia-e-o-desafio-da-covid-19-antiguidade-e-idade-media/>. Acesso em: 16 de maio 2021.
- Art. 75; **LEI Nº 13.467**, DE 13 DE JULHO DE 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho.
- BASTOS, Mário Jorge da Motta; **O poder nos tempos da peste (Portugal - séculos XIV/XVI)**; EdUFF, 2009; Disponível em: <http://www.eduff.uff.br/ebooks/O-poder-nos-tempos-da-pestes.pdf>; Acesso em: 24 de novembro 2021.
- BARATA, L.; **As Epidemias e as Pandemias na História da Humanidade**; News @fmul, 2020. Disponível em: <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/99/epidemias-e-pandemias-na-historia-da-humanidade>. Acesso em: 16 de maio 2021.
- BARATA, Lurdes; **As Epidemias e as Pandemias na História da Humanidade**; Faculdade de Medicina – Universidade de Lisboa, News nº99, março 2020, Ed. Lurdes Barata. Disponível em: <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/99/epidemias-e-pandemias-na-historia-da-humanidade>. Acesso em: 23 de setembro 2021.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 3 ed., São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BERTAUD, Alain; **“The Spatial Organization of Cities: Deliberate Outcome or Unforeseen Consequence?”**; University of California at Berkeley, 2004; Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/45131759_The_Spatial_Organization_of_Cities_De_liberate_Outcome_or_Unforeseen_Consequence; Acesso em: 10 de junho 2022. Tradução Anthony Ling.
- BEZZERA, Mariana; JÚNIOR, Moisés; **Cidades, espaços públicos e comportamento: discussões sobre o cenário urbano no contexto de pandemia global**.; Observatório das metrópoles, 2020. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/cidades-espacos-publicos-e-comportamento-discussoes-sobre-o-cenario-urbano-no-contexto-de-pandemia-global/>; Acesso em: 04 de março 2022.
- BITTENCOURT, P.; **Artigo: as pandemias na História**; Bittencourt, docente do curso de História da UFFS – Campus Erechim, 2020. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/campi/erechim/noticias/artigo-as-pandemias-na-historia>. Acesso em: 16 de maio 2021.
- BLOG MAC, Meio Ambiente e Construção; **Urbanismo e as questões ambientais**, 2020. Disponível em: <https://mac.arq.br/wp-content/uploads/2016/02/Urbanismo-e-as-Quest%C3%B5es-Ambientais-.pdf>. Acesso em: 16 de maio 2021.

BOURDIEU, Pierre; **Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado**; Scielo Brasil, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Bw9dSHXsM8mC6bg9X7NLDTH/?lang=pt>; Acesso em: 12 de maio 2022.

BRAUDEL, F.; O Tempo do Mundo 1996. São Paulo: Martins Fontes.
Disponível em: <https://blogs.funiber.org/pt/arquitetura-e-desenho/2021/02/13/funiber-arquitetura-doenca>. Acesso em: 16 de maio 2021.

CEV; Centro de Vigilância Epidemiológica "Prof. Alexandre Vranjac"- **História e Curiosidades**. Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica-prof.-alexandre-vranjac/areas-de-vigilancia/tuberculose/informacoes-sobre-tuberculose/historia-curiosidades>. Acesso em: 16 de maio 2021.

COLAMINA, B. **La arquitectura enferma**; El Cultural, 2021.
Disponível em: <https://elcultural.com/la-arquitetura-enferma>. Acesso em: 16 de maio 2021.

CONSTRULIGA; **Pandemias do passado deixaram marcas nas cidades. Como será o urbanismo pós-coronavírus?** Liga Blog, 2020. Disponível em: <https://blogdaliga.com.br/pandemias-do-passado-deixaram-marcas-nas-cidades-como-sera-urbanismo-pos-coronavirus/>. Acesso em: 16 de maio 2021.

CORRÊA, F.; LINDAU, L.; EVERS, H.; AZEREDO, L.; **Planejamento urbano e epidemias: como doenças do passado transformaram as cidades**; WRI Brasil, 2020. Disponível em: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2020/04/cidades-e-epidemias-como-doencas-do-passado-transformaram-planejamento-urbano>. Acesso em: 16 de maio 2021.

COSTA, L.; HAMANN, E.; **Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários**, 2016; Revista Pan-Amazônica. Disponível em: <http://revista.iec.gov.br/submit/index.php/rpas/article/view/122/44>. Acesso em: 16 de maio 2021.

COSTA, Ana Maria; **Espaço Físico Urbano e a Participação Social: A Importância da Compreensão dos Conceitos**; Revista de Direito da Cidade, 2013; Disponível em: <file:///C:/Users/Millena/Downloads/10968-37752-1-SM.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

DUARTE, Notário; **Cidades**; Dicionário do desenvolvimento, 2020; Disponível em: <https://ddesenvolvimento.com/portfolio/cidades/>. Acesso em: 20 de maio 2022.

FRAGOSO, Suely; **Espaço, ciberespaço, hiperespaço**; Unisinos RS, 2000; Disponível em: https://www.academia.edu/1772092/Espa%C3%A7o_ciberespa%C3%A7o_hiperespa%C3%A7o; Acesso em: 18 de novembro 2021.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LENCIONI, Sandra; **Observações sobre o conceito de cidade e urbano**; GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 24, pp. 109 - 123, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098/77740>. Acesso em: 12 de maio 2022.

LORENZETTO, M.; **Incrível, a tuberculose e o raio-X mudaram a arquitetura**; Campo Grande News, 2019. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/colunistas/em-pauta/incrivel-a-tuberculose-e-o-raio-x-mudaram-a-arquitetura>. Acesso em: 16 de maio 2021.

MOSER, Gabriel; **Psicologia Ambiental**; Scielo Brasil, 1998; Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/JJ6HsWrYfmYZy9XxZxtYVFr/>. Acesso em: 20 de maio 2022.

PACHECO, Priscilla; **Ruas completas e psicologia: como o ambiente influencia nosso comportamento**; WRI Brasil, 2019; Disponível em: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2019/09/ruas-completas-e-psicologia-como-o-ambiente-influencia-nosso-comportamento>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

PACHECO, Priscilla; **Como o planejamento urbano influencia nosso dia a dia**; WRI Brasil, 2017; Disponível em: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2017/10/como-o-planejamento-urbano-influencia-nosso-dia-dia>. Acesso em: 10 de abril 2022.

PASQUAL, Francisco; PETZOLD, Guillermo; Em conjunto com o Centro de Excelência BRT+ e PUC Chile, 2021; Disponível em: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/previa-de-pesquisa-revela-impactos-da-pandemia-na-mobilidade-urbana-de-capitais-brasileiras>. Acesso em: 15 de outubro 2021.

PENA, Rodolfo F. Alves; **Metropolização e desmetropolização no Brasil**; Brasil escola, 2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/metropolizacao-desmetropolizacao-no-brasil.htm>; Acesso em: 16 de novembro 2021.

PENA, Rodolfo F. Alves; **Tendências atuais da Urbanização no Brasil**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/tendencias-atuais-urbanizacao-no-brasil.htm>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

PENA, Rodolfo F. Alves; **“Cidade e Município: qual é a diferença?”**; Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/cidade-municipio-qual-diferenca.htm>. Acesso em 18 de maio de 2022.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"O que é espaço geográfico?"**; Brasil Escola; Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-espaco-geografico.htm>; Acesso em 05 de junho de 2022.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"O que é Espaço Urbano?"**; Brasil Escola, 2019. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-espaco-urbano.htm>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

PLASCAK, Nathália. **Trabalho home office: o que é, como funciona e tendências de mercado**; QueroBolsa, 2020; Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/trabalho-home-office>. Acesso em: 15 de junho 2021.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes; **O lugar da praça e do desenho: dois estudos de caso diante do Projeto Rio-Cidade.**; In: Dênio Munia Benfatti; Maria Cristina Schicchi (org); *Urbanismo: Dossiê São Paulo e Rio de Janeiro*. PUC-Campinas, 2003; p. 239-253.

REVISTA BRASILEIRA DE EPIDEMIOLOGIA, Ministério da Saúde; **4 relações entre doenças e transformações urbanas**, 2020. Disponível em:

<https://summitmobilidade.estadao.com.br/guia-do-transporte-urbano/4-relacoes-entre-doencas-e-transformacoes-urbanas/>. Acesso em: 16 de maio 2021.

ROCHA, Gabriele; **Coautoria urbana e quarentena: relações pessoa-cidade na pandemia do novo coronavírus**; Scielo Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/J8T474YYVwkwgTm6THZpByb/>. Acesso em: 16 de abril 2022.

ROLNIK, Raquel; **A cidade pós pandemia: entre futuro excludente e reinvenção do presente**; Uol notícias, 2021; Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/a-cidade-e-nossa/2021/06/25/a-cidade-pos-pandemia-entre-futuro-excludente-e-reinvencao-do-presente.htm>; Acesso em: 05 de outubro 2021.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. **Cultura e urbanidade: da metrópole de Simmel à cidade fragmentada e desterritorializada**. Cadernos Metrópole, 2011, 13.26: 395-417.

SEGOVIA, Olga; JORDÁN, Ricardo; **Espacios públicos urbanos, pobreza y construcción social.**; CEPAL, serie medio ambiente y desarrollo, 2005.

SENA, Ailton; **Conceito sociológico para entendimento das relações entre os indivíduos**; Educa mais Brasil, 2020; Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/espaco-social>. Acesso em: 12 de maio 2022.

SIMONELLI, Luiza Marilda Pacheco Castagno, Apresentação em: **Mobilidade Urbana e os Desafios da Cidade Coletiva** / Luiza Marilda Pacheco Castagno Simonelli (organizadora). – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2021. 214 p.: il.

SILVA, D.; **Grandes epidemias da história**; Brasil Escola, 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/grandes-epidemias-da-historia.htm>. Acesso em: 16 de maio 2021.

SILVA, D.; **Peste negra**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-pestes-negras-seculo-xiv.htm>. Acesso em: 19 de jun. 2021.

SOARES, Roberta; Retrospectiva 2021: passageiro foge do transporte público e crise faz setor mendigar ajuda; JC NE 10, 2021; Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/mobilidade/2021/12/14927554-retrospectiva-2021-passageiro-foge-do-transporte-publico-e-crise-faz-setor-mendigiar-ajuda.html>. Acesso em: 05 de junho 2022.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

WOLF, Giovanna; PEREIRA, Pablo; **Como serão as cidades no pós pandemia**; Estadão saúde, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/saude,como-serao-as-cidades-pos-pandemia,1100189>; Acesso em: 03 de março 2022.

APÊNDICE A

Roteiro do questionário aplicado.

Pesquisa sobre a pandemia do Covid-19 e sua relação com o comportamento social na cidade do Recife.

Olá, sou aluna da Faculdade Damas e estou fazendo esse questionário para contribuir na elaboração do meu TCC e agradeço desde já sua participação.

Essa pesquisa tem como objetivo obter informações sobre o uso da cidade durante o período pandêmico, a fim de entender as mudanças dos hábitos sociais durante a pandemia e o reflexo dessas mudanças no espaço urbano.

1. Qual sua faixa etária?

- Até 19 anos.
- Entre 20 e 59 anos.
- Acima de 60 anos.

2. Em que bairro você mora?

3. Durante a pandemia, você permaneceu na sua casa ou passou algum período fora? (outras cidades).

- Sim, e ainda permaneço nesse lugar.
- Sim, mas voltei.
- Fiquei em Recife.
- Outros (resposta aberta).

4. Nesse período, você pensou em se mudar?

- Sim, de casa para apartamento.
- Sim, de apartamento para casa.
- Sim, para uma casa ou apartamento maior.
- Sim, para uma cidade próxima.
- Sim, me mudei.

- Não.
 - Outros (resposta aberta).
5. Ficou de *home office* ou estudando por EAD (ensino a distância)?
- Sim, apenas temporariamente.
 - Sim, e ainda estou de *home office* ou EAD.
 - Não.
 - Outros (resposta aberta).
6. Qual foi o meio de transporte mais utilizado por você durante a pandemia?
- Carro Particular.
 - Transporte público (Ônibus, metrô).
 - Bicicleta ou caminhada.
 - Outros (resposta aberta).
7. Você fez uso de mobilidade ativa (caminhar, andar de bicicleta)?
- Sim.
 - Não.
8. Você percebeu alguma mudança no seu bairro ou na sua rua? Exemplo: nova ciclofaixa, restauro de calçadas, menos trânsito, etc.
- Sim.
 - Não.
9. Se sim, quais? Essa mudança permanece até hoje?
-
10. Durante a pandemia, você passou a frequentar espaços públicos da cidade, como parques e praças?
- Sim.
 - Não.
 - Outros (resposta aberta).
11. Você sente falta de espaços públicos em Recife?

- Sim.
- Não.
- Outros (resposta aberta).

12. Passou a optar por frequentar locais de lazer (bares, restaurantes, outros) mais abertos ou com área externa?

- Sim.
- Não.
- Outros (resposta aberta).

13. Fez o uso de apps ou sites para compras online? Permanece com esse hábito ou prefere voltar as lojas?

- Sim, e permaneço comprando online.
- Sim, mas prefiro comprar presencial.
- Não.
- Outros (resposta aberta).

14. Você percebeu algum problema na cidade? Se sim, qual?

15. Você acha que a cidade poderia ter se adaptado de forma diferente ao período pandêmico? Se sim, de que forma?
